

## CARTAS DE GENOVEVA DE LIMA MAYER A ALFREDO PIMENTA (ENTRE 1916-1935)

As cartas que Veva de Lima (1896-1963), escritora, novelista dramaturga e colaboradora de jornais escreveu a Alfredo Pimenta (1882-1950) historiador, crítico literário e filosófico, poeta, doutrinador político, entre 1916(?) e 1935 refletem aspectos culturais da cidade de Lisboa e revelam o universo de uma senhora-tipo da alta burguesia, inserida num contexto familiar relacionado com o *Grupo dos Vencidos da Vida* com acesso aos grandes circuitos culturais do seu tempo. O casamento que contraiu com o Professor de Direito e Embaixador de Portugal em Londres Ruy Ulrich permitiu-lhe viajar pela Europa, África e Estados Unidos e facultou-lhe a criação, em sua casa, de um salão frequentado por intelectuais e estetas. Aliado a esta circunstância, o seu temperamento de artista e de grande conhecedora da língua portuguesa, a sensibilidade ao “outro” que demonstra, transformam estas cartas em peças literárias que contribuem para o conhecimento de uma certa *condição feminina* da época. Nelas se espelha também o encontro dos conceitos então tradicionais de educação com as novas correntes pedagógicas *estrangeiradas*.

Constituem além disso uma achega para a história das mentalidades e evidentemente para o estudo das biografias de ambos.

Na transcrição das cartas manteve-se a ortografia da autora.

Genoveva de Lima Mayer Ulrich, literariamente conhecida por Veva de Lima, nasceu em Lisboa em 3 de Novembro de 1886<sup>1</sup> e morre nesta cidade em 8 de Junho de 1963.

Pertenceu pelo seu nascimento e pelo seu casamento<sup>2</sup> àquele sector do alto mundo da burguesia capitalista que demonstrava apetência pelos interesses culturais em que sobressaíam, a par com o hábito da vida requintada, a sensibilidade ao Belo, a curiosidade intelectual e um certo sentido de intervenção social que se manifestava quer sob a forma da produção de obras estéticas vertidas em novelas, peças de teatro, ensaios, conferências que atraíam alguns artistas e homens de letras, quer

---

<sup>1</sup>Informação das Exmas. Senhoras Dona Maria Luísa de Mello Ulrich Anjos e Dra. Salette Salvado que assim corrigem a data de 1896, colhida nas enciclopédias e dicionários consultados que, a ser verdadeira determinariam que a escritora teria dado à luz a sua filha primogénita com onze anos; esta discrepância deve-se ao facto de Genoveva de Lima Mayer ter por hábito iludir a data do seu nascimento por não gostar de revelar a sua idade.

<sup>2</sup> Casou em 1907 com Rui Ennes Ulrich, n.1883, m.1966, Prof. Catedrático das Faculdades de Direito das Universidade de Coimbra e de Lisboa, Administrador da Junta do Crédito Público, do Banco de Portugal, Presidente dos Cons. de Administração da Companhia de Seguros Ultramarina, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, etc., Embaixador de Portugal em Londres, Procurador à Câmara Corporativa.

sob a forma de acções de caridade individuais ou colectivas, organizadas a favor dos desprotegidos da sorte.

A ela coube-lhe em sorte nascer num ambiente educadíssimo, sendo filha de um dos *Vencidos da Vida*<sup>3</sup>, a pleiade que deixou marcas indeléveis na cultura portuguesa através das suas páginas literárias e actuações políticas e que escolheu tal designação para o grupo que formou, irmanadas que se sentiram aquelas personalidades cintilantes, quando passados os anos dos ideais e das lutas comprometidas verificavam com submissão, que a vida escapa a moldes e que os sonhos, valendo apesar de tudo a pena, não atingem a realização desejada. Chegavam assim àquele estádio mental a que se chama maturidade enquanto que se auto-definiam com a ironia de *“quem já tudo sabe”*, como um *“grupo jantante”*. Eça de Queiróz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Condes de Sabugosa, de Arnoso, e de Ficalho, Carlos Lobo d’Ávila, António Cândido, Guerra Junqueiro eram frequentadores assíduos da casa paterna de Veva de Lima, na Quinta da Cruz do Taboado, situada em Lisboa, ao Andaluz. Quando sob irreprimível impulso de amor filial, Veva de Lima escreve a biografia de seu Pai, sob o significativo título *“O Único Vencido da Vida Que Também O Foi Da Morte”*<sup>4</sup> justificando a ausência de qualquer obra escrita que lhe desse um lugar na memória colectiva, evoca essa casa onde decorrera a sua infância:

*“ jóia empoleirada e louca erguida no prumo de um alcantil altíssimo como um rebento nas nuvens, e os seus quatro torreões em pinha, a mirarem-se entre si nos azulejos de Delft em que tôda reluzia, faziam dela uma aparição suspensa como um milagre no ar.*

*“A quem viesse do antigo Vale do Pereiro para o Largo do Andaluz deparava-se esse castelo de porcelana cheio daquela graça que desapareceu da casa portuguesa do século XIX, em azulejo azul e branco, que era, não só um tipo único no mundo inteiro, mas que dava, à fisionomia urbana, um polimento limpo e lantejoilado com o qual só podem competir os mármoreos”.*

Nesse “castelo” e nessa quinta, os filhos de Carlos Mayer tinham às vezes como companheiros de brincadeiras esses visitantes ilustres. Ainda sob a pena de Veva de Lima, na sua escrita esfuziante e rigorosa podemos saber que

*“(…) Eça ou Oliveira Martins vinham buscar (...) os meninos do dono da casa (que ainda não estavam na cama como mandaria a boa educação), arrebatando-os para proezas com fadas e gnomos em contos maravilhosos, pelos mistérios dos quais, todos eles, grandes e pequenos, eram possuídos, dentro duma feitiçaria contagiada pelos arvoredos.*

---

<sup>3</sup> Carlos de Lima Mayer, n. 1846, m. 1910, médico e industrial.

<sup>4</sup> Veva de Lima, *O Único Vencido da Vida que também o foi da Morte*, Lisboa, Liv. Luso-Espanhola, 1945, pp. 135,185.

*Num dos pontos altos dêsses jardins, havia um éco que ficou célebre. A refração acústica produzia-se sôbre as paredes da casa habitada pelo caseiro, no extremo oposto. Sonoro e nítido, o éco acudia fielmente à chamada.*

*Oliveira Martins levava ao colo uma das filhas do dono da casa, enquanto a seu lado, Eça de Queiroz, persuasivo, inteirava-a dos belos dotes de carácter do Senhor Éco que era obediente... e poeta!...*

*Os outros irmãos, um pouco mais crescidos, não compreendiam muito bem o que, para a mana levada ao colo, parecia tão fácil de entender: o éco evidentemente era um sujeito com uma bela voz e boas faculdades de imitação. Mas nessa noite o Senhor Éco «era inspirado por Camões», explicou Eça de Queiroz à petizada. Deve dizer-se que o Senhor Éco e o Senhor Camões eram, por esse facto, para os meninos, indivíduos de igual relêvo social.*

*Ao alto do monte a caravana pára. Eça de Queiroz avança, chamando a atenção dos inocentes, e clama com as mãos à bôca em porta-voz: «As armas e os barões...»*

*A voz reboa...E logo a seguir o Senhor Éco, com fôlego alentado, responde: «Que da ocidental praia lusitana»...*

*Pasmo geral!... Suspendem-se as respirações!... Oliveira Martins, baixinho, explica:*

*- Os meninos ouvem? É o nosso amigo Éco que estudou esta noite os Lusíadas de Camões!...*

*Estas explicações não adiantam muito as crianças pequenas entre as crianças grandes, mas o fenómeno estarrece-as...*

*Eça, magnífico fundibulário dos espaços, ataca de novo: «Por mares nunca dantes navegados...» (...)*

*Assim foi revelado aos filhos de Carlos Mayer o 1º cântico dos Lusíadas em acústicas vagabundas (...). Várias noites o fenómeno fantasmagórico foi repetido, encarregando-se das funções de retransmissão variados. Vencidos e sofrendo aquêle que se incarnasse em Éco de malaventurados infortos, farpando o fato nalgum barranco em que caía. (...) Dessa fantasia sem par, e dum sabor de reбуçado com surprêsa dentro, haveria matéria para narrações sem fim.”*

Podemos imaginar a transmissão de valores e interesses de que Veva de Lima terá sido alvo, nesta didáctica de contiguidade e exemplo. Inserindo-se nesta base, será lícito levantar como hipótese, o tipo de instrução que lhe terá sido ministrada. Certamente a mesma que a das raparigas da alta sociedade na transição do século XIX para o século XX: preceptores/as, mestras portuguesas ou estrangeiras ensinando a língua materna e as europeias de maior impacto social e cultural (o francês em primeiro lugar, o inglês para as famílias com horizontes mais vastos), noções elementares de aritmética, a história, a geografia, a literatura, as belas artes, a prática do “sport” em que o ténis fazia furor, as regras de etiqueta, as viagens aos países paradigmas da civilização e da cultura... No entanto, Veva de Lima, neste

capítulo da sua educação deve ter sido apanhada pelo entrecruzar de influências sintomáticas de atitudes culturais como as representadas na obra de Maria Amália Vaz de Carvalho em que se vislumbrava uma levíssima cedência ao curso do tempo pelos conselhos para “uma educação mais racional das raparigas portuguesas, higiene física e moral (...)”, mas em que desempenhavam papel de vulto “preceitos e regras para desempenho das tarefas domésticas que naturalmente lhes terão de ser confiadas”<sup>5</sup> e aquela corrente que começava a descortinar-se em várias escritoras portuguesas como o caso de Claudia de Campos, nascida no Algarve, de “pais instruídos, (...) cresceu e formou-se livremente ao contacto de mestras e amigas inglesas, em cuja companhia aprendeu a conhecer as obras primas das literaturas germanicas (...) donde lhe teria vindo singular vigor de entendimento, tendência acentuada para o idealismo e uma independencia em materia religiosa pouco vulgar neste (nosso) paíz e que sem ser propriamente uma apóstola da emancipação feminina defende aquilo que pensa ser os três direitos fundamentais da mulher: amar, pensar, expandir a própria personalidade.”<sup>6</sup>

Com efeito, na parca obra literária de Veva de Lima, encontramos como preocupações dominantes aqueles três desígnios enunciados por Claudia de Campos que constituíam afinal, já um certo “ar do tempo”. As heroínas desenhadas pela primeira perseguem a ânsia de realizarem a sua personalidade, ânsia que se esboroa frente ao impacto da força do social, intransigente e não capaz de perceber e compartilhar a legitimidade daquelas que tentam fazer as suas vidas de acordo com as suas vocações timbradas todas pelo desejo de liberdade e curiosamente todas resultantes de educações no estrangeiro. *Amar, expandir a sua própria personalidade* são o norte das personagens femininas a que Veva de Lima dá corpo, acabando todas elas por serem tragicamente vencidas pela inamovibilidade do social.

O *exercício de pensar* revela-se nos ensaios e comentários que leva ao prelo e em artigos de jornal. Nestes, transparece a necessidade de compreender as transformações éticas a que o seu tempo assiste. Ela própria afirma, depois de descrever os sintomas da *Confusão Integral*, que na sua óptica então se vivia, que procurava “restabelecer, pela chronologia dos factos, certos valores positivos que assujeitem pensamentos e sentimentos a verdades inamovíveis e a razões que a Razão respeita.” E explicava: “A grande dificuldade é conservar o raciocínio claro à roda de um postulado axial: a Sinceridade equilibrada”, quando, acrescenta, “(...) o labirinto das incógnitas avoluma-se de dia para dia dentro de relatividades transcendentis. O Bem e o Mal começam a ser relativos e as expressões vão-se tornando transitórias e os axiomas temporários. (...)”<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Carolina, Michaelis de Vasconcelos, “O Movimento Feminista Português, in *Comércio do Porto*, 19 de Novembro de 1896, pp. 6-7.

<sup>6</sup> Veva de Lima, *Hypotese & Conjectura*, 1º fascículo, Lisboa, 1940, p. 6.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 7.

Veva de Lima gostava pois de evoluir no mundo dos que se dedicavam ao convívio com as ideias e com as artes. Por isso, a sua casa ofereceu a uma determinada elite intelectual e social um dos últimos salões que Lisboa teve: “sustentado pelo espírito e pela fortuna de Veva de Lima”<sup>8</sup> onde ela ajudava também a lançar para o sucesso jovens literatos e artistas em que descortinava valor ou promessa. O ambiente das suas salas era caracterizado pelo requinte excêntrico em que os criados eram negros, de cor genuína ou simplesmente “tingidos” para a circunstância, batendo em gongs para anunciar os visitantes que subiam por uma escada “*felina*”, atapetada com peles de tigres e que dava acesso ao mundo de fantasia em que ela se comprazia.

Com efeito, Veva de Lima abordou o mundo da Arte quando em Portugal se gizava a transição do Decadentismo - Simbolismo para o Primeiro Modernismo sob a influência de autores sobretudo franceses e ingleses acompanhado pela influência italiana. Nomes como Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Verlaine, Jean Lorain, Wilde, Swinburne, D’Annunzio, Gozzano, Moretti a que se junta obviamente Schopenhauer, são referências assíduas na prosa de Veva, tal como a emoção estética face aos quadros dos pré-rafaelitas. O sentir voluptuoso, refinado e raro, a vivência de paraísos artificiais, os perfumes, a morbidez, a nevropatia, acompanham, como tão bem caracteriza Vítor Aguiar e Silva, a intenção de “transformar a própria vida em aventura artística” (...). “Perante a vida quotidiana os decadentistas adoptam uma atitude de repulsa, fazendo a apologia do exótico e do artificial. A Arte transforma-se em sub-rogação da vida (Ortega y Gasset) exprimindo-se este estetismo pelas atitudes nefelibatas, difusão dos matizes do mito da «torre de marfim». Pintores dos matizes vagos e indecisos, amantes de perfumes, flores e jóias de nomes inéditos e coruscantes, os decadentistas têm um gosto sensual pelos vocábulos raros e preciosos. A palavra é explorada nas suas mais subtis e recônditas virtualidades com significante e significado, a linguagem poética tende a dissolver-se em pura musicalidade”. Deste modo insere-se no Simbolismo com os seus “propósitos de sugestão misteriosa de um estado de alma através de um objecto ou a sua inversa em escolher um objecto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações (...)”<sup>9</sup>. Presidindo a estes dois movimentos ou correntes, uma nova maneira de encarar a decoração dos ambientes interiores e exteriores, plena de requebros, curvas, estilizações florais, convite à desbanalização de tudo o que pelo uso quotidiano é banal e que tomou o nome de Arte Nova.

Deste modo a casa onde Veva de Lima viveu a maior parte da sua vida depois de casar, na Rua de São João dos Bem Casados, hoje Rua Silva Carvalho, às Amoreiras, em Lisboa, distingue-se, no seu interior, pela singularidade, pela distanciação do

---

<sup>8</sup> José Augusto França *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Ed. Presença, 1992 p. 96.

<sup>9</sup> *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, Lisboa, Ed. Verbo, 1967.

comum, do culto do requinte que ainda hoje se podem ver, transformada que foi em Fundação Veva de Lima. Quando transpomos a porta da rua e somos introduzidos na tal *escada felina* de que fala José Augusto França, ainda podemos ver um portal de ferro rendilhado<sup>10</sup>, decorado com o cisne estilizado de grandes asas e pescoço contorcido que Veva escolheu para um dos seus emblemas. Se penetrarmos na sala de jantar, deparamos, entre peças de mobília de valor, com a mesa das refeições, redonda, de grande dimensões, com incrustações de marfim no seu bordo representando sucessivamente alternados um cisne e uma borboleta que era outro dos signos simbólicos que escolheu para se identificar. O mesmo mundo de fantasia abre-se perante nós se entrarmos na sala das suas recepções com um tecto em abóbada todo em penumbra azulada, que numa das suas descrições nos aparece como “(...) a minha sala lilaz, com luz branda e cigarros cheirosos, com os meus perfumadores electricos crepitando nas suas suaves emanações entre as minhas estatuetas de marmores polychromos e o alabastro das urnas luminosas (...)”<sup>11</sup>.

A guerra de 14 levou-a a debruçar-se sobre a adversidade que atingia as mulheres dos soldados que partiam para o ultramar ou para a “frente” na Europa, as viúvas, as mães, os filhos, e todos aqueles que de um modo geral sofreram as agruras da fome que a interrupção dos circuitos comerciais provocou e as pretendidas alterações estruturais do advento da 1ª República iam provocando com a subida dos preços, as dificuldades de ordenados, a deslocação para as grandes cidades incapazes de os acolher, a supressão das ordens religiosas que desfalcava a protecção social, etc.. Veva de Lima desenvolveu grande actividade: organizou as famosas *Festas da Flôr* e pertenceu à *Assistência das Portuguesas às Vítimas da Guerra*. A primeira reunia senhoras da alta sociedade e as daquele círculo social a que Virgínia Vitorino apelidou de “smart set, rico e chique, frequentador das pastelarias da moda”<sup>12</sup> para angariar nas ruas da Baixa lisboeta (e ainda em outras cidades do país) e junto dos conselhos de administração dos bancos e das grandes empresas, donativos para remediar aqueles males e contribuir para as acções que a segunda pretendia levar a cabo: a criação de cursos para enfermeiras no hospital de São José<sup>13</sup>, actividades de beneficência como o apoio moral e financeiro aos soldados e suas famílias, a fundação de infantários, creches e uma casa de trabalho em que as mulheres pudessem ganhar a sua subsistência ao mesmo tempo que aprendiam um ofício, etc.. Os jornais da época descrevem o empenho que Veva de Lima punha nestas acções e nos resultados que atingia como por exemplo ao conseguir vinte e sete contos na

---

<sup>10</sup> Autor, o Mestre Ferreiro Lourenço Chaves de Almeida (1926).

<sup>11</sup> Veva de Lima - carta a A. P. sem data, presumivelmente de 1918, pela alusão ao livro de Alfredo Pimenta *Cartas Sem Destino*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1918.

<sup>12</sup> José Augusto França, *op. cit.*, p. 73.

<sup>13</sup> Embrião sonhado de futuras escolas de enfermagem consideradas muito necessárias no país, projecto que não chegou a concretizar pela decisão do Ministro Pereira Reis de exigir a inscrição de todas as candidatas na Cruz Vermelha, *Diário de Notícias*, 30 e 31 de Março de 1916.

Festa da Flor em Julho de 1916, quantia então de grande vulto (o ordenado mensal de um director geral perfazia 200\$00 e o de um general do exército, 212\$00)<sup>14</sup>.

O credo ético que professava comprazia-se nas virtudes que em certa altura da sua vida encontrará praticadas na Inglaterra: o cumprimento do dever, a coragem e o amor da Pátria<sup>15</sup> e uma certa ‘raça,’ ou seja, um certo brio na responsabilidade perante si próprio do que se é e do como se é, a que os franceses chamam “panache” e os portugueses traduzem por “brilho, espavento, altivez”. Aliás o lema impresso no seu papel de carta e nas edições de alguns dos seus livros reflecte o imperativo que nortearia o seu comportamento, numa gravura com uma decoração fantasista: “*Trembler ne peux, tromper ne veux, flâichir ne daigne*”, escrito numa faixa que o bico de um cisne estilizado de grandes asas e pescoço contorcido sustenta, enquanto as suas patas prendem um medalhão em que se lê o seu nome – Veva – circundado por um friso que tem escrito: “*Omnia possedo - Mecum Porto*” (tudo possuo, tudo transporto). A completar esta afirmação, o desenho de um caracol transportando a sua concha.

A sua obra escrita é muito datada. Na parte da novela e das peças de teatro o seu interesse reside sobretudo na “fotografia” que é de uma época e de um estrato social em que as mulheres que se começam a sentir “indivíduo” no sentido da indivisibilidade das suas personalidades, vivem o drama da incapacidade de alcançarem os seus objectivos, perante a incompreensão e o poder do social. Mas este “drama” queda-se apenas pelo domínio dos afectos e não participa das lutas feministas que se desenhavam então na Europa e mais timidamente em Portugal. Porém, na parte que diz respeito àquilo a que se poderia apelidar como “ensaio”, revela-se comentadora pertinente, orientada pela vontade de pensar acerca da condição humana no seu processo vital e de compreender as mutações do mundo à sua volta: são interessantes as suas considerações sobre a relatividade das convicções a que chega em determinada altura da sua vida, e são proféticas as suas previsões sobre as consequências que o poder crescente dos Estados Unidos viriam a ter para as possessões ultramarinas portuguesas.<sup>16</sup>

Há no entanto um aspecto em que a sua obra escrita ultrapassa o tempo: é o uso que faz da linguagem, a arte de escrever que revela. A capacidade de moldagem da língua, a riqueza do seu vocabulário, nada comum, a certeza da sua gramática, fazem dela uma grande escultora da língua portuguesa. Aliás, ela própria diz, em determinado passo: “A nossa língua é rude, feia, inabilmente trabalhada e, nos seus sons pastosos e gordos, inestetiza a própria Ideia. – É preciso lapida-la até que o

---

<sup>14</sup> Maria Tereza Pimenta, *As Mulheres Portuguesas na Guerra de 1914/18, Cadernos da Condição Feminina*, nº 29, Lisboa, Ed. Comissão da Condição Feminina, 1989, pp. 83-84.

<sup>15</sup> Veva de Lima, *Hypotese & Conjectura*, op. cit., p.16.

<sup>16</sup> Veva de Lima, *D’Aquém & d’Além Mar: Crónicas de Viagem 1923-1924*, Lisboa, Imp. Libanio da Silva, 1928.

nobre diamante latino que no seu bloco se acolhe, ressalte e fulja enfim. – É assim que a Ideia toma plástica e valor, desmaterializa-se melhor, incendeia a inspiração as quaes outras ideias condensa, e é a fusão da Forma e do Pensamento que eu chamo Arte literária”<sup>17</sup>.

Na correspondência que manteve com Alfredo Pimenta em cujo espólio se encontram 74 peças, escritas muito provavelmente entre 1916 e 1935 a qualidade literária é um dos aspectos mais relevantes.<sup>18</sup>

Alfredo Pimenta, (n. em 1882, m. em 1950), vivia em Lisboa desde 1911, deixando para traz a sua terra natal – Guimarães - de que aliás nunca se separaria afectiva e efectivamente como demonstram alguns dos temas das investigações históricas que empreendeu e a acção que desenvolveu na defesa e promoção de muitos dos interesses da cidade fundadora da nacionalidade. Para traz ficaram também Coimbra onde se formara e Matosinhos onde residiu quando recém licenciado pensou em se dedicar à advocacia abrindo escritório no Porto com o conterrâneo e condiscípulo, Eduardo de Almeida, que viria a ser advogado de renome, publicista e responsável por altos cargos de cultura em Guimarães.

Orientado para o cultivo das belas letras e para a intervenção política através da militância em partidos republicanos (Democrático e Evolucionista) e um labor intenso no jornalismo de opinião, não sentindo vocação para a advocacia, Alfredo Pimenta dedicou-se ao estudo da filosofia e das ciências sociais, à crítica literária e à doutrinação política, ao mesmo tempo que, colaborando em jornais portugueses e estrangeiros, ia publicando as suas criações poéticas, filosóficas e históricas e críticas. Do seu labor resultou o vulto que o seu nome alcançou na sociedade e na cultura portuguesas marcado pelo saber que demonstrava e pelo desassombro com que afirmava as suas opiniões estribadas sempre em rigoroso estudo, o que o tornava um crítico ouvido e temido. Mircea Eliade que viria a travar com ele laços de veneradora amizade, refere no seu Diário o seu primeiro encontro com o escritor português considerando-o “el hombre más sabio de Portugal. Espléndida biblioteca de 20.000 volúmenes. (...) Es como un niño. Sensible y orgulloso. Pero escribe de maravilla (...)”<sup>19</sup>. O rigor que punha no seu estudo reflectia-se na virtude da coerência que

---

<sup>17</sup> Veva de Lima, carta a Alfredo Pimenta escrita de Montreux, com a única data de 3ª feira, 14 de Setembro, sendo o ano presumivelmente 1920 por causa da plausível referência ao livro de Alfredo Pimenta, *Livro das Muitas e Variadas Coisas*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1920.

<sup>18</sup> Não é fácil apresentar com rigor a sequência cronológica das cartas porque ao hábito da sua autora registar com preferência apenas o dia da semana ou do mês, sem indicação do ano, ou simplesmente o momento em que escrevia, juntam-se a perda de alguns sobrescritos, o mau estado dos carimbos dos selos que os tornam indecifráveis, bem como a inalterabilidade da emissão básica das estampilhas entre 1912 e 1928 no nosso país. Procurou-se, no entanto, suplantar estas dificuldades através da identificação e relação de assuntos e temas nelas tratados.

<sup>19</sup> Mircea Eliade, *El Diário Português*, Barcelona, Ed. Kairós, 2000, p. 29.



nunca deixou de cultivar: viveu sempre de acordo com o seu pensamento o que obviamente lhe trazia inimizades, incompreensões, mas também aplausos e reconhecimentos.

Quando começa esta correspondência de que temos unicamente a parte assinada por Veva, Alfredo Pimenta com a idade de 34 anos, acabava de tornar pública a sua desvinculação ideológica ao regime republicano, ele que fora paladino intelectual activo da sua implantação, e a sua convicção de que afinal seria a monarquia a forma política mais conveniente para a solução dos problemas de Portugal. Esta sua evolução não era resultante de conclusões precipitadas diante dos acontecimentos, mas como a sua bibliografia prova, decorria de uma evolução lenta e meditada na conjugação dos factos e do estudo em que de republicano radical passara a evolucionista conservador para por fim, por volta de 1915, concluir pela monarquia tradicional, não parlamentar, ao jeito dos integralistas de quem se aproximou, sem no entanto se filiar no movimento. A teoria norteava a sua acção e, sem olhar a consequências na vida prática, tomava as suas decisões e, como sempre, à revelia dos tempos: não era, como hoje se diria, *politicamente correcto*. A sua força de carácter e o saber que patenteava na defesa das suas opiniões, angariavam-lhe respeito que para uns era incómodo e o tornava *persona non grata* e para outros resultava em admiração e aplauso.

Quando entra no mundo das letras, Alfredo Pimenta é envolvido pelo movimento do Decadentismo - Simbolismo. A sua estreia no mundo das obras editadas dá-se nas esferas da filosofia, da política e nos campos da poesia e da prosa poética. E enquanto na esfera do pensamento, Alfredo Pimenta inicia os seus trabalhos sob a égide do positivismo depois de uma breve passagem pelo anarquismo, na da sensibilidade prende-se ao esteticismo decadentista tal como a própria Veva, publicando poemas que nos levam para palácios misteriosos e luxuosos, com brocados e cetins, com sons e sombras que pairam nos salões abandonados, acordes de cravos envelhecidos, atravessados por ausências presentes, de corpos lindos recamados de sedas e rendas, jóias preciosas cintilantes, tudo rodeado por parques povoados de pavões, e galgos de raça, alamedas mortas cruzadas por lagos adormecidos. Tal como os Modernistas da 1ª e 2ª geração de que se aproxima precisamente por aquela corrente estética, Pimenta “repudiava o realismo e a arte popular (expressão que considera contraditória), a estética da razão e do progresso”; os seus paradigmas são Oscar Wilde, Valle-Inclán, Swinburne, Gustave Moreau, Eugénio de Castro, os pré-raffaelitas ingleses, os poetas e artistas barrocos<sup>20</sup>. Os títulos de alguns dos seus livros mostram bem o clima estético em que vivia: *Paysagem das Orquídeas*; *O Livro das Symphonias Morbidas*, escreveu-o Alfredo Pimenta *para os olhos dos que o souberam ler, e para a alma dos que o puderem*

---

<sup>20</sup> Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio*, II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. 619-620.

*sentir; Este é o Livro das Chymeras que, para consolação das próprias saudades, e para perpetuação de instantes transcendentais, Alfredo Pimenta escreveu, quando, tendo descido da Torre do seo orgulho, entrava na Cathedral magnifica da sua humildade, ou ainda, Este é o Livro da minha Saudade, espelho de tristezas, jardim adormecido de sonhos dispersos, que Alfredo Pimenta escreveu, quando a sua saudade lho dictou.* Seguindo a longa lista da sua bibliografia<sup>21</sup> podemos constatar a evolução dos seus interesses neste domínio da poesia e da prosa poética pois a partir de 1924 em que edita *Poemas em Proza*<sup>22</sup> a sua escrita orienta-se para os estudos de História, Filosofia, Crítica Literária e Doutrinação Política. Encontram-se alguns versos de circunstância e apenas um único livro de poemas, em 1941, a que dá o título de *Últimos Echos de um Violino Partido*<sup>23</sup> em que retoma a lírica tradicional. A necessidade de ganhar a vida e sustentar a sua família, levava-o a não viver exclusivamente da sua pena e da actividade de professor em escolas públicas e privadas; ingressa nos quadros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo como 2º conservador em 1931 onde atingirá a categoria de director um ano antes de morrer e onde lhe será possível organizar e dirigir o Arquivo Municipal de Guimarães em comissão de serviço ao mesmo tempo que continuava a sua incansável actividade de escritor.

Veva de Lima com a sua propensão para as letras e situada num mundo com conotações políticas monárquicas não podia deixar de atrair a atenção de Alfredo Pimenta com a sua tendência literária nefelibata, preso à estética complexa da aversão ao banal, ao enaltecimento do requinte e perseguição do mundo das quimeras. E por isso podemos ler num livro seu *Cartas a um Estheta* publicado em 1917 (um ano depois do início da correspondência que entre si trocaram) sob a influência da escola decadentista tanto na forma como no conteúdo, a impressão que lhe causou a primeira visão que dela teve e a consideração que a sua cultura e a sua personalidade lhe foram suscitando.

“ (...) A primeira vez que a vi, fui encontra-la toda de branco, sapatos brancos com fivelas de pedras brancas, meias brancas, vestido de rendas brancas, coroada de cabellos fulvos, com lampejos metálicos e frios, nas mãos esmeraldas, as esmeraldas da minha obsessão (...). Recebeu-me com indolencia, e com frieza elegante. No seu fogão, dançavam pequenas labaredas inquietas, em que os meus olhos se iam, aborrecidos e nostálgicos (...). Nas repetidas visitas que lhe fiz, fui percebendo pouco a pouco, a singularidade do seu espirito, a vibratilidade dos seus nervos, a delicada maneira dos seus gestos, a encantadora tendencia das suas predilecçoens. Não

---

<sup>21</sup> Alfredo Pimenta, *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*, Braga, Livraria Cruz, 1958, Bibliografia, organizada por José Alfredo Pimenta de Sousa Monteiro.

<sup>22</sup> Alfredo Pimenta, *Poemas em Proza*, Lisboa, Portugália Editora, 1924.

<sup>23</sup> Alfredo Pimenta, *Ultimos Echos dum Violino Partido*, Lisboa, Portugália Editora, 1941.

tinha deante de mim aquelle detestavel exemplar de bas-bleuismo nosso contemporâneo (...). Não era uma mulher literata, não era uma mulher escriptora, não era uma mulher cheia de cabotinismo e vaidade, querendo captivar-nos pela doçura da voz e do gesto, ou pela ternura estudada do olhar. Não! Era simplesmente, naturalmente uma mulher artista. Sem logares communs, sem expressoens banais, a sua linguagem cheia de facetas pessoais e impressionantes, prendeo-me, pouco a pouco, a atenção (...) e fui-me convencendo de que o meo tempo, se era esteril em estadistas e homens de juízo, não era tão avaro que me não premiasse com a extranha organização artista dessa senhora (...). A sua amizade, mais tarde, pôz ante os meus olhos, algumas paginas arrancadas ao seu livro de impressões (...) por si só suficientes para darem a quem as concebeo e escreveo, a cattergoria de – a maior artista portuguesa da minha geração (...). A sua phrase é cuidada, trabalhada, cinzelada, se não no acto próprio de ser lançada ao papel, - lentamente, na inconsciencia em que o nosso espirito culto aproveita as licçoens recebidas das leituras e das meditações, do que vê e do que ouve”.<sup>24</sup>

Por seu lado, Veva de Lima, pelas mesmas razões da sua inclinação para a actividade literária não podia deixar de apreciar o peso das opiniões de Alfredo Pimenta. É por isso que ao deparar com uma nota do escritor<sup>25</sup> sobre uma peça de teatro que mandara recentemente para a luz do público, escreve uma reconhecida carta datada de 2 de Outubro de 1916 em que transparece a emoção de quem se estreia nas lides do confronto com o público e alcança o mérito de um reparo e, ao mesmo tempo, confessa a sua angústia de “nada conseguir” que é o mesmo que dizer a sua angústia de não se “conseguir” a si mesma.

*“Cascaes 2 – 10 - 1016*

*½ Noite*

Meu querido Poeta

(Meu caro Alfredo Pimenta)

Grata, comovida, envaidecida, incrédula e contente, a sorrir de effusão, de dúvidas e incertezas, releio pela terceira vez o artigo que me dedica, amavel e galante como uma flôr entre laços e rendas que beijo, ainda a sorrir e a córar porque sou vaidosa, porque o aprecio e porque sou mulher... (...)

E ouvindo o seu agrado pelo meu livro (...), escutando as suas fórmulas sensiveis e delicadas de me comprehender, sinto uma profusa, confusa alvoráda de fé e de confiança no meu céu toldado de descrença, de tédio, de diluidas apathias que me afogam e me impedem de lutar.

---

<sup>24</sup> Alfredo Pimenta, *Cartas a um Estheta*, Porto, Ed. Magalhães & Moniz, Lda, 1917, p. 71.

<sup>25</sup> Alfredo Pimenta, “Fantaisie du Printemps por D. Veva de Lima Mayer Ulrich”, *Dia*, 1 de Outubro de 1916.

Foi pois bom lê-lo para retemperar o aço das minhas armas e para sentir mais uma vez o seu reparo em mim que me lisongeia de multiplas maneiras e que, por um vicio que de Eva me vem legado – me levará constantemente a tentá-lo, a perturba-lo, a seduzil-o para que esse reparo se possa repetir.

Dedico lhe, pois hoje os meus primeiros momentos d’esta noite, noite morêna d’outonal brandura em que soffro desconsoladamente d’uma vida privada de luz, de fulgor, de mais largos horizontes, enleada de preconceitos e em que se me dependura a alma tranzida de nada conseguir... E com a noite tão trigueira reluzem mais os astros, fulguram mais as estrellas e eu soffro mais... Inveja de as ver tão altas deixarem me cá tão por baixo o que me escandaliza.

Mas, na asa da Chiméra – Chiméra de Moreau – a sua, d’Alexandre George – a nossa, ou na Fantaisie de Printemps – a minha – seja me permitido voar esta noite até aos astros que arranco um a um para esse diadema que quero pôr. E com essa joia na fronte, um meteóro nas mãos, estrellas cadentes pelos cabellos, um véu de constellações a servir-me de manto, deixe-me passar n’esta noite morena a servir-lhe de luz, passar pela sua janella onde vou bater, espargir sobre o seu caderno estilhaços do meu diadêma dos meus collares e do meu manto a apagar-me pouco a pouco a murmurar-lhe... Boa Noite...

Veva de Lima”

A epistolografia, hoje em progresso pelo reconhecimento dos contributos que traz à história da literatura e ao conhecimento dos povos, foi sendo objecto de atenção por vários autores que analisaram o fenómeno da actividade epistolar. Pedro Salinas, por exemplo, defende a sua especificidade contra aqueles que a consideravam uma conversa à distancia. Vê nela “(...) un entenderse sin oírse, un quererse sin tactos, un mirarse sin presencia, en los trasuntos de la persona que llamamos, recuerdo, imagen, alma (...)”, “(...) Asimilar escritura a conversación es desentenderse de la originalidad pasmosa, de la novedad absoluta, con que aumenta la carta este negocio de las relaciones entre persona y persona (...)”, “Cartearse (...) no es hablarse. Se necesitaba esse verbo (...)”.<sup>26</sup> Menos vibrante no estilo, certamente pela sua origem gauleza e possivelmente pelo seu convívio com a gente lusa, mas profunda na sua análise, Andrée Crabbé Rocha acrescenta que a carta é “um meio de comunicar por escrito com o seu semelhante – comunicar não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda pôr em comum, comungar. Escreve-se pois para não estar só ou para não deixar só. (...) A meio caminho entre o diarista que fala para si e o criador que fala para o infinito público anónimo, o epistológrafo pratica uma escolha, uma eleição que condiciona incontestavelmente o texto que vai escrever, quer no plano da franqueza, quer no plano do estilo. A si próprio, o diarista pode confessar o inconfessável, o artista elabora, corta, compõe, sublima a sua verdade, o

---

<sup>26</sup> Pedro Salinas, *El defensor*, Madrid, Alianza Editorial, 1983, p. 30.

epistológrafo requinta o que tem para dizer conforme o destinatário a que o confia (...).<sup>27</sup>

Esta correspondência de Veva de Lima a Alfredo Pimenta contém os aspectos que aqueles dois autores acima transcritos conferem à escrita epistolar: “a exteriorização de estados subjectivos alcançando de um modo insuperável a liberdade expressiva”, como pretende Pedro Salinas, “a arte de comunicar através das palavras que tomam o lugar dos actos e dos gestos num grande empreendimento de fraternidade tal a dádiva generosa e o apelo desesperado que as fazem participar do mecanismo íntimo da literatura”, na visão de Crabbé Rocha.

Ela é também um contributo para a história das mentalidades da primeira metade do século XX pelo que revela dos hábitos da vida de uma senhora da alta burguesia. Nela podemos encontrar os seus estados de alma que revestiam frequentemente a capa da neurastenia, o uso da arma feminina no modo de se apresentar - uma certa afectação graciosa e galante a que os franceses chamaram *coquetterie*, a vivência por vezes ansiosa dos deveres maternos, os interesses culturais que se traduzem em leituras constantes, a frequência de espectáculos teatrais e musicais, participação em conferências e tertúlias várias, e a constante preocupação em receber na sua casa ou cumprir outros deveres sociais. Interessante ainda o aspecto que revelam acerca do recíproco e específico acolhimento com que os dois mundos – o da chamada alta sociedade e o dos intelectuais - se brindavam.

Também, a procura de remédio para os males do corpo nas termas da moda no país ou no estrangeiro tal como as viagens às grandes capitais europeias com o pretexto de buscar a libertação da mediocridade da sociedade lisboeta são notícia nas páginas destas cartas em que se dá conta da permanência sazonal nos lugares de férias da mais grada sociedade portuguesa da época: Sintra e Cascais, ou o Bussaco vivido como lugar de descanso e recolhimento. Todos estes elementos ajudam à caracterização da época e da sociedade portuguesa de então.

No período de tempo que esta colecção de cartas abrange, muitos foram os acontecimentos políticos não apenas em Portugal como também no resto do mundo, principalmente na Europa. A agonia da primeira República com datas gravíssimas para a história dos portugueses como a participação na guerra de 1914, a queda constante de governos, a experiência da República Nova, a Leva da Morte em 1918, as revoltas monárquicas para a restauração da monarquia, a Noite Sangrenta do 19 de Outubro de 1921, a banca rota, greves, atentados à bomba, as tentativas de recuperação republicana e democrática, o golpe militar de 1926 que institui a Ditadura, o aparecimento de Salazar, a constituição do Estado Novo, a intranquilidade internacional, que depois de uma guerra tremenda, origina outra

---

<sup>27</sup> André Crabbé Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Coimbra, Liv<sup>ª</sup> Almedina, 1965, pg. 13.

precedida da sangrenta guerra civil de Espanha, a progressão da ascensão das massas aos palcos da história com a organização das reivindicações operárias, a afirmação das ditaduras alemã, italiana e soviética, não transparecem, curiosamente, nestas cartas. Apenas, uma ou outra leve alusão.

Os propósitos e os temas destas cartas são outros e são diversos. Em todas, o exercício da escrita cuidada porque o destinatário é escritor exigente, e em algumas transparece até apenas o gosto da escrita pois o que motiva a carta é unicamente o tornar-se presente, de forma cuidada e elegante com a intenção de patentear a originalidade do que se vê, do que se sente, do que se é, afinal: “escrever frases é ainda uma maneira de fazer toilette ...”<sup>28</sup>.

Daí as imensas descrições de paisagens e de situações que num estilo primoroso Veva de Lima faz nestas cartas que destina a Alfredo Pimenta e em que parece notar-se a companhia que para si própria era a escrita. Aliás, revelando similitude de sentimentos, este também um dia escreveu: “Não escrevo por vaidade, por narcisismo, por amor da gloria, por desejo de aplausos. Escrevo por uma necessidade estructural do meo temperamento, para que no silencio vasto que me rodeia, e na solidão moral em que vivo, eu possa, de vez em quando, ouvir-me e encontrar-me – e suppor-me um pouco menos só (...)”<sup>29</sup>.

Na carta que se segue, podemos notar a sumptuosidade da descrição dum certo cair de tarde:

“Bussaco, Outubro, 1, 1918, á tardinha:

Nos fócios aureo-flavos do puente (sic), que incendeiam a loira cabeleira da floresta, na visão d’ambar e d’ouro dos pampanos ruivos d’outono, no mystério d’um céu nacarádo que fulge lampejos d’amethista e d’opala, na symphonia esplendente da grande orchestra das tintas crepusculares, lembrei-me de lhe vir dizer... Bom dia!... gentilmente e com phrases – porque as phrases ainda é uma maneira de fazer toilette e de pôr joias, para aquelles que só possuem um uniforme de luto e um cilicio de crepes.

Todo o enleio fascinador, penetrante e triste do outono, cinge-me a alma n’este primeiro golo d’outono cujo imponderavel manto é tecido de gélicos esplendores... E na banquise que a minha alma compõe e que o outono fulvo distrai, lembro-me que ainda sou sua amiga – V – “

---

<sup>28</sup> Veva de Lima, carta a A. P., de 18 de Out. de 1918.

<sup>29</sup> Alfredo Pimenta, *Pretextos e Reflexões*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922, p. 12.

Nesta outra, datada de Montreux, a esplendida visão que nos desenha do lago Lemán, ao anoitecer, depois da leitura de um livro de Alfredo Pimenta que lhe sugere comentários sobre o temperamento deste e sobre a sua qualidade literária:

“Montreux Palace Hotel

3ª feira, ao anoitecer – 14 de Setembro (sem indicação de ano)

(...) Li o seu livro, aqui, n’um d’estes terraços de onde lhe escrevo, com um poente d’ouro e d’opala, na lassidão: da hora cheia de beatitude infinda, irizada nas tintas fulvas que desfalécem em redor. É o momento maximo de quietude, doçura parada de espasmo, de silencio nas tonalidades enlanguescidas; há nympheus entre as verduras, tecidos d’ouro entre folhagens que já se aloiram e desprendem: sombra impalpavel do outonno a insinuar-se no seu manto de mel e d’ambar arruivando as vinhas nos balcões. E o terraço, entre os véus e o langor da sombra, estende-se enorme, fundido na bruma onde o dia vae morrer...

(...) Li o seu livro – salvo pequenos trechos que você remodela e atavía de cuidados estylares, todas aquellas paginas já me eram um pouco conhecidas, ou, por algumas, já as ter lido ou, por advinhar que ellas haviam de existir. São as catadupas concentricas do seu Eu posto de pé (ou em bicos de pés) em cima de cada palavra de cada syllaba, de cada letra, no livro todo do principio ao fim «Eu sou!» «Eu sinto!» «Eu acho!» «Eu penso!» e entre o sujeito e o verbo há uma vaga elisão que se subentende claramente: o «é que» = (Eu é que sinto! Eu é que sou! Eu é que penso! Etc. etc. etc ...). A acrescentar a isto a proclamação do seu desdém pelo publico, pel’os outros, pel’opinião enfim, n’uma advertencia que se poderia concretizar assim: Olhem lá, vocês, Outros! Eu só escrevo para mim e para a élite capaz de me apreciar. Arréde quem não gostar. Quem me sentir e souber saborear a minha Arte será da Élite. Quem não está á altura é espirito vil... «vá bugiar...» Deante d’isto...Vou talvez fallar-lhe em alhos ou em bogalhos – Como quizer...

Aqui está o ponto de irritação a que eu tinha chegado ao findar a leitura do seu livro.

Mas... – como dizia atraz – familiarizada com phenómenos, arrosos, commetimentos de espécie varia, fui deixando esvair no sopro ténue dos elfos crepusculares, a serpente irósa da minha indignação. É o que lhe venho trazer. De encontro aos seus protestos espediosos que desdenham o que eu disser.

Sempre admirei a sua Maneira d’arthe litteraria, que, um pouco como a minha, faz vagamente escola na mesma Eleusis. (Notará contudo que enquanto você se deleita nas melopêas da sua arte, eu devoro-me d’insaciedade desconcertada, de desespero insatisfeito, de descontentamento perpétuo!).

– A sua estylisação de symphonia dolente, ondulada em tom menor como um Nocturno de Chopin, são lindas notas de harpa que você semeia na grinalda gentil das suas páginas poéticas.

A nossa lingua é surda, feia, inhabilmente trabalhada, e, nos seus sons pastosos e gordos, inesthetiza a propria Idea – É preciso esculpil-a com golpes em que ella sangue e vibre, até que n’essa dor, a nóta musicada se exhale. É preciso lapidal-a até que o nobre diamante latino que no seu bloco se acólhe, ressalte e fulja enfim – É assim que a Idea toma plastica e valor, desmaterializa-se melhor, incendeia a inspiração as quaes outras ideas condensa, e á fusão da *Forma* e do *Pensamento* que eu chamo Arte Litteraria. – Na minha opinião (porque desculpará, tambem a guardo e não a dou) acho que a sua Obra tem esse valor marcante, que para mim, é muito, e que, para as Lettras em geral, é melhor. Não lhe quero fazer elogios – meu Deus – Vou bugiar? Eu bem o sei!! – Só lhe venho dizer – muito obrigado; e pelos instantes de prazer ou de colera que d’elle tirei – tambem.

Anoiteceu... Todo o lago agora é abysmo constelado dos pirilampos electricos das margens. Festa da noite louçã trajada de balões. N’um giro magico de luz salpicada, crivam-se as pergolas de estrelinhas heliochromaticas como alfinetadas de lume nos véus da tréva. Acendi eu mesma o balão – tulipa immensa côr de laranja que põe em redor espectros e papões (...)».

Adeus. Estimarei que o seu egotismo fabuloso saia um pouco da fabula monstruosa em que se esconde para tomar mais harmonia mais proporção sem contudo lhe tirar o filtro voluptuoso do seu *narcisismo* que é por certo a condição-maior da felicidade terrestre.

Eu que não tenho muita fé em nada e nenhuma, principalmente em mim, considéro estarrecida, o talisman das suas convicções. Só me reservo a apreciar as joias raras das suas paginas doentes, cheias de fébre ou de dor que ressumam tanta belleza quanto você tenta deprecia-las na insistencia das suas *auto-projecções* (...)

G. de Lima Ulrich.”

Noutra ainda, a graça com que se entretém a escrever, este passeio fantasioso pelo Bussaco, a que chama *Cathedral dos Cédros*.

“25 de Agosto,

Não sei nada de si. Diga-me se morreu. (...)

Também aqui, entre os cédros, estou morta. Não é máo, ainda assim. Virgílio acompanha-me junto das fontes na floresta espessa de rama e alfombras. Sigo os ciclos de Dante e de Platão, almoço com Phydias ou com Praxitelles, passam pela luz Semiramis ou Manon e passam poétas pelas penumbras. Encontrei hontem um velhinho n’uma gruta cor de rosa, tinha a barba florida, uma velha espada fendida e chamava-se Carlos Magno.



À noite Venus desce até ao meu terraço arrastando na sua cauda as constelações. Aos seus cabellos agarram-se os pirilampos. Um dos bichinhos deante de Virgilio ergueu-se enfatuado – «Quem és tu luminoso insecto?» – «Sou Luiz de Camões, saberá Vocencia».

A mansão da Morte é de bom-tom, ainda cá não chegou nem o snobismo nem o máo gosto. Camillo já aprendeu a fallar português, o marquez de Pombal ajuda á missa e Eça de Queiroz não exagera.

Deus lá por cima no septimo ciclo sorri bonançoso e bregeiro. Plagiou Edison e escuta ao serão o seu gramaphone que lhe repete os discursos de Lloyd George e do Kaiser.

Mas como o Padre Eterno é diletante, ambos lhe agradam e não se decide – Eis a demóra.

Aqui ficarei pois n’esta Bôa Morte entre os cédros com agua, pão e luz d’archotes, enquanto os archanjos, temiveis Sherlocks não me correrem com a sorte fazendo-me ressuscitar em Cascaes.

Sua amiga morta amiga  
Veva de L.”

E Cascais, aqui está presente, com o toque do seu clima marítimo e ventoso:

“Cascaes 16-10-1018

Recebi no Bussaco a sua cara que apreciei, contestando o que n’ella me dizia n’uma suave controversia com as suas lettras. Agóra estou porem em Cascaes com a alma arrepanhada pelo vento e o sal do mar que me chibateam os nervos e me estragam a pele: estou de mau humor e espirito feio.

Agradeço-lhe contudo as poucas palavras com que me recorda n’um postal encantador e ser-me há grato que continue a lembrar-se de mim. Já não me atrevo a pedir-lhe p<sup>a</sup> me vir ver esperando mais depressa a visita d’esta hedionda grippe que já principiou a invadir-me alguns métros cubicos da casa.

Creia sempre na minha sympathia mt<sup>o</sup> sincéra

Veva Ulrich “

A escrita como entretenimento e desfastio continua a aparecer nas suas longas estadas nas matas do Bussaco.

“Bussaco. Uma noite de Fevereiro (sem outra indicação de data)<sup>30</sup>

Meu querido Amigo

---

<sup>30</sup> Veva de Lima, carta a A. P., tarjada de luto que será provavelmente do começo da década de 30, ocasião da morte de seu filho Jorge, cujo texto tem seguimento na carta que Veva escreve de Londres em 19 de Junho de 1935.

Para um isolamento de flor alpestre que se conserva nos gêlos, ou para um estado de conserva congelada em frigorífico, eu para aqui vim, vestir-me de musgos e de bolor á procura de somno e de socêgo que a cidade e a casa me não concêdem.

Resignada com o frio, com a néve, com o desconforto, com o bolor no nariz, com os pés geládos e com nóve cobertores na cama, retomei o pulso a mim mesma e aproveitei para me repor a escrever. N'esse metabolismo espiritual que me aproxima de mil sombras do passado, de reminiscencias turvadoras e melancólicas, de toda uma espectrologia doce e amavel que me seduz no grande frémito da minha saudade côm de cinza, eu recêbo a sua carta inesperáda mas congruente e gentil como todas as telepathias sympathisantes e milenárias.

Deixe-me pois *agradecer-lhe* o seu cuidado pela minha saude. Felizmente aquelle mal impertinente, que nenhum médico apurou nem definiu, já me deixou há tempos e apenas me ficou, com vestígios d'essa garra iracunda, que o desfiguramento de 15 dias a 40º de febre, estampam na face. Fiquei vesga, de bocca á banda, marréca, côcha e gaguejante. Pelo menos contrahi essa opinião a meu respeito, nada a demóve e não me posso ver: é ódio.

As suas lettras, se bem que sollicitas e penhorantes são fugidias e breves. Isso consterna-me um pouco...

É, provavelmente, porque o ambiente me suggére lembranças e contrastes. Desde que Você deixou de ser meu amigo, as suas cartas tomaram o rythmo e uma feição de corrida, feitas de abaláda, postas em despedida e n'uma toilette de viagem, a subir para o comboio – a andar de pressa, depressa que não há tempo para conversas. E o comboio róda; partiu, já lá vae; desapareceu na curva...

As suas cartas coméçam-se e já se está no fim, viráram, dobráram-se no envelope, desapareceram na curva d'uma gavêta...

O que me compensa, na accelaração d'esse rythmo, é o tempo incommensuravel que lêvo a interpretar as suas lettras, advinhando-as. Esbarro deante d'uma élipse e lógo se me ergue uma espiral ascendente n'um arco de circulo quebrado o qual ferra uma chicotáda, em dois pontinhos, tudo isto constituindo um vocábulo que eu leio, que eu leio – o que é que eu leio? Zaragatina piul... Fico aterrada! Com suores frios! Mas continuo. Apaixonono-me pelo panorama apocalyptico. Aparécem, bichos cavalgando corcuvados, surgem giráfas e camêlos; em quatorze linhas há tempo para emoções consideráveis,

[manuscrito] há espaço para allucinações visuaes onde perpassam vultos: [*insere desenhos de um rato, de uma garrafa, de um chapeu?*] não sei meu Deus, não sei! Tenho vertigens deante das azas d'um aeroplano cujo hélice desenha assim: «amigo inutil [*e desenha algo*

*parecido com]* DDDDDDD –???» – O resto é arrebatado no vôo da sua canêta, da sua penna, da sua phobia caligráfica.

Mas por fim, toda essa brenha impenetravel ao cabo d’algum tempo, torna-se familiar e abre caminho á minha curiosidade anciósa. Percebo, decifro enfim a letra como o romper d’um dia claro, descubro e ausculto o espírito que ella traduz e que é sensível como ondas acústicas, ondas thermicas, ondas animicas. Toda essa floresta de traços, de paráphos esfuseantes que caracterizam a sua escripta contem afinal o reflexo quasi sonóro, o clamor quasi dramático da sua anciedade intérmia, das suas aspirações gigantescas, dos seus sonhos ethéreos e incoercíveis. Certa aza d’um «d» é uma digressão mystica no paiz phantastico das esthesias inacessíveis. O traço com laços e nós de certo «S» é a escada de Romeu para subir á janella da chiméra que deixou para si de se chamar Julietta. Há pontinhos miudos como uma raspagem de fuligem ou uma orvalhada d’abril. Serão lágrimas?... Serão sorrisos?...

Deixêmos um pouco d’enigma e d’interrogação na charáda. O amargo travor da vida vem sempre de conhecer as coisas até ao fim. O único interesse que perdura e resiste é o do sabor suspenso, de reticencia que se demóra e da realidade que se não completou.

E eu assim demorando-me, tenho que suspender enfim a correria desenfreáda da minha penna decadente e murcha porque isso é que – ai de mim! – é uma realidade completáda e certa.

Que esta abundancia de papel e tinta sirva ao menos para lhe suggerir, quando um dia me tornar a escrever, não vir com bilhete de ida e volta e tanto á pressa... que não lhe chegue o tempo para a conversa.

Creia sempre na minha amizade muito fiel

VEVA

P.S. Como lhe dizia no comêço, estou aqui escrevinhando desaforádamente n’um foguetório de ideas loucas mas com certeza inéditas. Quanto gostaria de ouvir a sua critica a tal respeito com aquella confiança que consagro ao seu júízo tão leal e competente.”

A produção literária de Alfredo Pimenta, sobretudo no domínio da estética, merecia a Veva de Lima atenção cuidada que aliás ele lhe exigia, enviando-lhe não apenas as obras que ia publicando como as que publicara antes e reivindicando uma apreciação quase imediata que a fazia justificar-se sob a forma de reprimendas e “lições amigáveis” acerca da necessidade de tempo para poder analisar serenamente o que se lhe oferecia para leitura:

*“4ª feira, 22*

*Não sabia que, sob pênna de parecer doente era costume agradecer a offerta de um livro nas 24 horas. Assim oiça Você com o seu postal elucidativo no bom ensinamento.*

*- A mim afigurava-se que só depois de ler o livro offerecido se escreviam os agradecimentos e por ventura as felicitações ao autor.*

*E como commigo acontéce que por vezes os livros postulantes na minha estante sobem a cinco ou seis e que eu sou infinitamente lenta em os digerir um a um lévo assim algumas semanas a consumir a acção de os ler e por isso lévo semanas primeiro que eu agradeça aos seus autores.*

*Mas em vista da sua lição estranhando que o meu agradecimento demóra mais de dois dias, aqui lhe venho agradecer profundamente o seu livro que ainda não pude ler dizendo-lhe muitas vezes obrigada.*

*E visto que me obrigou a escrever-lhe antes da hora que eu lhe destinava, visto que me fez atropellar a ordem da minha correspondencia só lhe escreverei agóra sobre o seu livro d’aqui a uns 6 meses.*

*Até lá, creia sempre na minha mtª sympathia que menos merece do que um puxão de orelhas.*

*Veva de Lima”*

Aliás na resposta a uma carta de Alfredo.Pimenta que fazia pressão para saber o efeito que sobre ela tivera um artigo seu, ela descreve o ritmo febril da vida que levava:

*“Terça feira 20 á Noite*

*Mas então o que é que você imagina?! – Tenho deante de mim 73 cartas, não contando telegramas, postaes, autógraphos, dedicatórias, vitupérios e declarações de amor – 73 cartas, digo atrasadas, retardadas a que tenho de responder durante as horas do dia... ou da noite, em que não me chamam ao telephone, ou á sala para visitas ou ao Dinning-room para comer ou finalmente, e com a devida licença, á cama, para apenas dormir! Et vous vous extasiez devant mon silence!... Non, mais dites donc, fichez m.l.p. !*

*- Perdoará pois o meu silencio e se quizer ouvir-me fallar venha me ver. A sua carta é o nº 53... e por conseguinte ainda tem de esperar. (...)*

*Se não perdeu a memória dos caminhos que levam á minha Ilha apareça-me um d’estes dias no seu cysne ou na sua barca.*

*Mil sincéras saudades*

*Veva de Lima M. Ulrich”.*

E assim, quase todos os livros de Alfredo Pimenta publicados entre 1912 e 1924 no domínio da poesia e da prosa poética têm o seu registo crítico nestas cartas. As

apreciações que faz sobre eles recaem na qualidade poética que lhes encontra e na partilha dos estados de alma que os inspiram. Mas em algumas encontram-se referências à evolução que então se processava no domínio da sensibilidade estética, demonstrando assim a actualização de Veva de Lima no mundo da cultura. Com efeito, presa ela própria à estética decadentista simbolista tão a carácter com a sua própria personalidade, apercebe-se da transição do Decadentismo - Simbolismo para o Modernismo em curso na Europa evoluída e mais timidamente em Portugal. Continuando a admirar a capacidade que Alfredo Pimenta patenteia na expressão da sua nevroze e angústias, na sua opção pelo elitismo, muitas vezes afirmado sob a capa de um certo dandismo que o faz procurar o mundo quimérico das ilusões e das sinfonias mórbidas, avisa-o acerca das novas maneiras de sentir e de comunicar que, absorvendo alguns elementos da concepção estética por eles escolhida e apreciada, ia tomando lugar nas preferências dos artistas, anunciando a derrota dos anteriores movimentos. Em determinada altura, ao comentar um livro que o escritor acabara de publicar<sup>31</sup>, ela escreve: “(...) O seu livro alem de ter um estranho perfume de melancholia «outranciére» que nos penetra e invade é uma delicada Flor do mal n’uma epocha que passou, que vae a passar e cujo sortilégio inebriante para tantos foi um filtro moral e para tantos vae ser um indecifavel incognito, uma desdenhavel piégueira, sem significação nem sabor(...)”, “Sim, gostei e apreciei o seu livro na plangencia pathética, que ora succumbe ao tédio, óra revibra e fulge com espectros luciferinos mas onde domina um echo moribundo de bordo peregrino e exhilado que as féras contemporaneas agridem e mutilam. Mas que importa!... As páginas são frutos bysantinos que desabrocham sobre uma horta de repolhos e feijão. Não conte pois que o apreciem por cá, nem por agora. Talvez mais tarde... oh! mas muito mais tarde!...”<sup>32</sup>. Aliás, ela própria, recém chegada de Paris escrevera que ali, “o engodo pelos bysantinismos complicados que sopra a nevroze moderna desapareceu” e que até a obra de Gustave Moreau, o pintor que ela mais admirava se encontrava no estádio de relíquia que se visitava como peregrinação artística. Faz a correlação entre a expressão artística e a evolução da mentalidade que encontrava: toda a França trocara as bizarras psicológicas e as pieguices patológicas por uma saúde de espírito cheio de seiva num ambiente fértil de espírito e de bom gosto que é certo não se encontrava em Lisboa. Aqui o ambiente era propício ainda às *pourritudes splendides* de Jean Lorrain, à fascinação *hypnotica, morphinisada* das gemas e camafeus de Moreau e por isso, “beijando essas pedrarias rutilantes que eu adóro, fascinada por esta hora tremula da tarde em agonia de colorações roxas e claridades ambiguas, escrevo-lhe perfeitamente ás avessas do que lhe escreveria de Paris... por birra, por desespero, por nostalgia... por ferocidade contra este ambiente de «caricatures sordides”. A culpa era evidentemente do ambiente que, à boa maneira portuguesa, pinta com o desdém que se instala nos nossos literatos a partir de oitocentos: “Em

---

<sup>31</sup> Alfredo Pimenta - *Cartas sem Destino*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1917.

<sup>32</sup>Veva de Lima, carta a A. P. sem outra indicação de data do que a de *Sabbado á Noite*, sendo presumivelmente de 1918, ano da edição do livro de A. P. que comenta.

Lisboa deliquifaz-se todo o meu vigor espiritual, com este sol, com este vento tumultuário, com a leitura do Diário de Noticias com os cheiros de perfumaria barata das ruas da Baixa, com as conversas profundas de banalidade dos meus conterrâneos, com o mau gosto das mulheres e das casas das avenidas novas (...)"<sup>33</sup>. No entanto, como não podia deixar de ser pela própria evolução das correntes estéticas, quando o 1º Modernismo se começa a afirmar, encontra no próprio Alfredo Pimenta, num livro seu que aparece em 1924, com o título de *Poemas em Proza*<sup>34</sup>, um certo "esfuminho moderno na forma, de nimbos e halos frescos que por necessidade de transposição a faz parecer ouvir certa melodia de Schumann, tocada ao de léve e sem pedaes..."<sup>35</sup>.

Não aprecia o retorno à lírica tradicional a que o vê arrimar-se por volta de 1923 com a publicação d seu livro de versos intitulado *O Livro da minha Saudade*<sup>36</sup> e que desponta também nas mãos de António Sardinha, Afonso Lopes Vieira, entre outros, para não falar já do insistente António Correia de Oliveira, o poeta do "Belinho". E porque não aprecia este livro? Porque considera que há nos poemas umas intenções de singeleza que não têm nada a ver com as *antigas predileções de luxo na esthesia e na forma* e que eram no seu entender, o autêntico *rythmo subjectivo* do seu correspondente Alfredo Pimenta<sup>37</sup>. No fundo Veva de Lima, apesar de perceber a mudança que ocorria nos movimentos estéticos, mantinha-se fiel ao universo decadentista que era afinal o seu. Assim se fazia notada na sociedade portuguesa. Para além disto, escondia os tormentos do seu espírito ansioso e torturado sob a forma rebuscada e complicada que as correntes estéticas do Decadentismo e do Simbolismo lhe ofereciam e projectava-se numa imagem de um certo dandismo ao qual Alfredo Pimenta também não era indiferente e que noutros vultos da época revestiu um pouco a forma da excentricidade, como por exemplo, o caso de Almada Negreiros, talvez o mais paradigmático e *sui generis* de todos.

O dandismo, nas interpretações de Eugénio d'Ors e de Francisco Umbral<sup>38</sup>, aliás eles próprios na senda de Baudelaire, é mais do que a necessidade bem apregoada da elegância, do requinte, da singularidade na postura, no modo de vestir e de se comportar e na criação de ambientes refinados e originais. Ultrapassa a mera reacção à vulgaridade, à alienação pelo social e a tudo o que é banal pelo confronto constante com o seu oposto. Significará também uma metodologia de ascese, de auto-exigência, de compromisso para com aquilo que Goethe, ainda no século XVIII

---

<sup>33</sup> Veva de Lima, carta a A. P. com a única data de *28 de Junho ao por do sol*; será provavelmente de 1917, se tivermos em consideração o tipo de papel usado e pela morada remetente.

<sup>34</sup> Alfredo Pimenta, *Poemas em Proza*, Lisboa, Portugália Editora, 1924.

<sup>35</sup> Veva de Lima, carta a A. P. com a única referência *Noite de Dezembro – 9*; será de 1924 atendendo ao livro de A. P. em referência.

<sup>36</sup> Alfredo Pimenta, *O Livro da minha Saudade*, Lisboa, Portugália Editora, 1923.

<sup>37</sup> Veva de Lima, carta a A.P. com data de Maio de 1923.

<sup>38</sup> Francisco Umbral, *Larra, Anatomia de un Dandy*, Madrid, Ed. Alfaguara, 1965.

considerava o pináculo da felicidade e que era a personalidade e que no caso dos dois escritores portugueses é entendida como uma globalidade. Daí, por exemplo, o rigor na ética dos comportamentos e que Veva enaltece. Aplauda-o ou ajuda-o conforme as circunstâncias que ele vive:

Numa carta de 23 de Janeiro de 1923, ela escreve de Paris, entusiasmada:

“(…) Mas antes de acabar, uma outra palavra ainda: Li, n’aquella véspera de partida o seu artigo<sup>39</sup> que é um gesto! Isolada, entre o coaxar dos sapos e o grunhir suino da vilanagem, posta na arêna entre sétas aciduladas dos despeitados e a chalaça encebada dos labroistas, só e sem vacillar, porque não devo, não temo, não dóbro, não minto, esperei (confesso-lhe a si) esse gesto da parte d’algum d’aquelles representantes do nobre escol da «Nobre Causa».<sup>40</sup>

*Debalde...*

- Foi você que, com a sua penna, como «lança na mão e pluma ao vento», veio em minha defeza, desceu á liça gentilmente e, pela honra, pelo brio, pela generosidade pura e galante, e pelo amor da verdade de quem por seu lado, «não deve, não téme, não dobra, não mente», fez d’essas virtudes a sua «Dama» e, por ella, fez esse gesto.

Agradecer-lhe? Ah, sim! Certamente e muito. Mas ponho-me de pé primeiro e, com mãos ambas e com calor, venho aplaudir quem desassombadamente correu com a vilanagem no culto da sua dama, isto é, ao serviço da Honra.

Deixe-me então apertar-lhe as mãos com a estima grata e comovida que me anima, na sensação nunca desmentida da sua integridade e do seu raro valor.

E agóra... até um dia.

Que esse dia possa ser claro e certo como a minha morte, tranquillo e desapegado como o meu desejo.

E digo-lhe adeus. E ao dizer-lho senti moderar-se a marcha veloz da minha triste penna que por tantas pênas passa e tóca que lá vae depressa... depressa!! As minhas mãos nas suas com a amizade de sempre,  
V.”

Em carta de 23 de Maio, presumivelmente do ano de 1923, lembra-lhe a intransigência que se deve ter para com qualquer cedência a sentimentos de fraqueza face à solidão que o cumprimento da vocação pessoal implica:

---

<sup>39</sup> Alfredo Pimenta, “A propósito e uma conferência” in *Correio da Manhã*, 7 de Janeiro de 1923.

<sup>40</sup> Causa Monárquica, organização política oficial monárquica que a seguir à implantação da República, congregava os apoiantes da restauração monárquica e da reposição no trono de D. Manuel II, Dicionário da História de Portugal, II, Lisboa, Liv. Figueirinhas, 1999.

“Não gostei do seu artigo. Não gosto dos desalentos em *Participações* ao publico. O publico é zombador que não tem piedades e só censura ou desdenha. Participar o nosso desalento é revestir desalinho. Vale mais vaiar esse publico e chuffal-o do que lhe mostrar a linha em curva do pescoço no gesto de quem succumbe. – «Fléchir ne daigne!» Mas vejo-o numa crise e pressinto-o doente. Eu tambem estou. Nada peor do que este encontro de espiritos en souffrance. Tenhamos ao menos ternura um pelo outro.

Aqui a tem com a minha velha e sempre viva sympathia com a melhor expressão do meu sentir.

V.”

E, num registo mais profundo, encontramos em Veva de Lima a análise da “verdade” com que cada um se deve a si próprio. Nada de confissões de modéstia porque no seu entender “a modéstia não deve ser uma virtude que ressentimos mas uma toilette de bom tom com que nos devemos ataviar. Quando nos escusamos pelos nossos fracos méritos não quer dizer que estejamos convencidos d’essa fraqueza mas que adoptamos essa nuance de galanteria sceptica e civilizada da mesma forma que fariamos passar adeante de nós pela mesma porta estreita aquelle que nos acompanha, fosse elle subalterno e bruto. Vestir com sobriedade quer dizer modestia? – Não, quer dizer bom gosto. E apresentar modestia na opinião de nós mesmos quer dizer humildade? Não, quer dizer uma fina flor d’orgulho bem educado. Mas como o Orgulho – que é a mais gentil elegancia do espirito – é immensamente confundido com a vaidade – a mais bastarda e grosseira miséria d’alma – aconteçe que as intelligencias tambem soffrem por vezes entre si confusões – Vou esperando que no matagal espesso do seu talento, a cultura vá mondando onde a Modéstia por certo se oculta e, por graça divina existe, para que, enfim, o seu espirito e o meu, melhor se possam entender (...)”<sup>41</sup>.

E entendiam-se, pois esta correspondência atesta a luta respectivamente empreendida na exigência para consigo próprios, na fidelidade às suas vocações e que os fazia sofrer quando a fímbria do desânimo os atingia. E assim é que podemos ler nesta belíssima carta (sem data) a empatia que envolvia os seus estados de ânimo e que constantemente se revela ao longo desta correspondência:

Meu pobre Amigo! Mas o que é isso?!!

O que é esse descabro d’alma, essa derrota, esse naufragio imaginarios, essa perpétua busca de maus fados em que voluptuosamente

---

<sup>41</sup>Veva de Lima, carta a A. P., sem data, com a única indicação de *Sabbado 1/2*, endereçada da Rua de São João dos Bem Casados.



reméxe e se deixa sossobbrar?... Que loucura nova é essa de se achar orphão entre todos os homens, triste e desamparado entre todas as criaturas, mortalmente ferido pelo Destino que o não poupa, n'uma perseguição que o não larga?...

Mas tudo isso é uma profusa, confusa composição gerada pelos seus nervos doentes e que por certo, n'uma ocasião de serenidade saudavel, lhe hão-de lucidamente apresentar um aspecto menos dolorido e desalentante d'este eterno e grotesco film que a Vida desenrolla.

- A sua carta d'esta manhã que recebi ainda deitada, fez-me uma grande commoção pela estridulação surda de dôr esmagada e gemebundo aneio que d'essas folhas se exhalam.

Uma enorme pêne como um tecido em espeços fios de sombra e poeiras negras envolveu-me na sugestão escura d'aquellas suas phrases onde regressa uma vaga asphixia moral sem gritos, sem revoltas mas n'um só espasmo de dor – meu pobre Amigo!

(...) Fiquei cheia de pêne!... E n'essa pêne aguda e penetrante que pelo dia fora me perseguiu, fui concluindo por um scepticismo experiente que isso passa, que tudo passssssa como tudo que passssou, como eu mesma & passso... no descompasso do perpétuo funeral das coisas. = Não esteja triste!

Tive muita pêne que não viesse almoçar aqui.

Tinha umas litteraturas infinitamente moças para lhe mostrar e ler (não são minhas!). Composições da nóva éra que se levantou porque como póde calcular a nossa Era já lá vae e o grande tumulto da arte, do espirito, e do gosto recém-nascidos está em pleno fragor de demolição na Arte e no Espirito e no Gosto que findaram. – É interessante, é complicado como um pimpólho nascido na cuba d'um laboratório, é enfim néo-moderno e portanto um bocadinho ... novo. –

Desejo calma e bonança no tormento dos seus tédios. Desejo que o esplendor das tardes e o florir das arvores lhe enseivem a alma e o façam sorrir. Desejo-lhe muito bem.

Sua amiga Veva de Lima M. Ulrich”

E a empatia que transparece nestas cartas engloba os aspectos familiares de ambos:

Na carta datada de *Cascaes, Parque de St<sup>a</sup> Martha, 29-10-916*, lê-se:

“A minha pequena<sup>42</sup> gravemente doente durante uns dias fez-me esquecer os vivos e os mortos, a vida e o mundo. – Entrou hoje porém com o lindo oiro do sol pela janella, a alleluia da sua convalescença, e consigo

---

<sup>42</sup> Maria Ulrich, n. 1908, m. 1988.

primeiro do que com mais ninguém, venho conversar através d'estas minhas folhas de papel.

“Recebi a sua carta e o livrinho delicioso de D’Annunzio que me mandou. E a sua carta e o seu livrinho de d’Annunzio, as suas expressões, a sua Forma de ser, de escrever e de sentir, captivaram tão multiformemente a minha sensibilidade pelo que me ofereciam de scepticismos plangentes, de humorismo triste e de espirito galante – século XVIII, que não sei que mais gostaria em troca de lhe oferecer, se uma escudella replêta de gemmas, esmaltes e filigranas, se um incensório de perfumes subtis, se um par... de «talons rouges» - Vous êtes charmant!

Espéro ve-lo este inverno com mais frequencia e gozar da sua conversa aplaudindo a sua Arte, rir dos fogachos do seu espirito beliscando os seus preconceitos e tentl-o e agaçal-o e perturbal-o gentilmente para o fazer sorrir e para o ouvir melhor, enquanto o crepusculo for descendo na zona de fumo opioládo dos meus cigarros e na escencia tépida das chcaras com chá... E no conforto dos dias d’inverno em que crepitam no lume as brazas e os tisões, em que melhor se sente o velludo dos estofos, o agasalho das tapeçarias e das almofadas de pluma pedir-lhe-hei que me conte histórias da carochinha ou do Outro-Mundo para que me faça rir ou para que me faça chorar.

As minhas mãos nas suas cordialmente e até brève  
Veva de Lima Mayer Ulrich

Recomendo-lhe que queime esta carta porque não queria ficar com escrupulos d’um possivel contagio p<sup>a</sup> si ou p<sup>a</sup> os seus!–“

Quando por sua vez, uns anos depois foi a vez de Alfredo Pimenta tremer pela vida de uma das suas jovens filhas<sup>43</sup> em luta com a terrível tuberculose que dizimava sobretudo a gente moça, Veva congratula-se com as melhoras que ela então acusava e anima-o diante do abatimento em que o encontra, não apenas por aquela preocupação, mas certamente em virtude das dificuldades que a independência das suas atitudes lhe acarretavam:

“Sabbado de manhãsinha<sup>44</sup>

«Meu querido Amigo

A sua carta comove-me por conter um agradecimento á minha amizade, a qual, por ser sincéra não conta com nenhum reconhecimento.

---

<sup>43</sup> Maria Gracinda Pimenta, n. 1909, m. 1991.

<sup>44</sup> Veva de Lima, carta a A. P. sem data com a única indicação de *Sabbado de manhãsinha*, será provavelmente de 1928, ano em que a filha de A. P. adoece.

Sahi contente da sua casa por verificar que não há – Graças a Deus! – motivo para se manter assustado sobre a saúde da sua pequena – Graças a Deus!

No entanto as suas letras contêm um tal echo de desencantamento ou de opressão que me feriram e me fazem voltar o olhar atrás para lhe bater no hombro e lhe dizer chamando-o: «Então que é isso?»

A vida é uma «selva escura»? – Ah! Sim, o Dante já o dizia e depois d'elle quem o não diz pelo caminho de mil maneiras!?

- Dor, horror, pranto, miséria, raiva, agonia, nojo, anciedade e deslumbramento, eis as provas fulgurantes das altas, das raras sensibilidades que se vão marcar nos scismographos da alma traduzindo a virtude maxima dos que sabem *SENTIR!* – E quem tem o prémio de saber sentir pode ver e medir o Mal e o Bem, pode perceber por isso a Verdade e a Belleza, goza assim o seu triumpho sobre a Morte que só os iniciados ou os santos souberam vencer.

Meu querido Amigo, volte as costas á musa lamentosa que o asphixia e cante o hymno da sua dor que é glória e que é eterna como a desgraça da terra e a miséria dos homens; posta na elegancia d'um sorrizo ella lhe dará a volutuosidade heroica dos que zombam da morte *ou que morrem... mas devagar.*

Se o conselho, todavia, a essa bravata altiva não lhe peço desdém para os vis mortaes

Quéro vel-o entre elles e sobretudo aquelles que o apreciam e admiram = quéro vel-o amanhã em minha casa, anesthesiando-se n'um quarto d'hora de bôa conversa entre gente de boas maneiras – que são poucas.

Sua Amiga  
VEVA”

A vida terá espaçado a convivência de Alfredo Pimenta e Veva de Lima, provavelmente pelo rumo que Alfredo Pimenta imprimiu à sua que o levava para o isolamento que os seus trabalhos de investigação exigiam, ou que a dureza do seu ganha-pão imprimia ao seu quotidiano ou simplesmente a idade fazia apreciar. Não esqueçamos que enquanto Veva de Lima manteve até ao final da sua vida o estilo rebuscado de se apresentar quer intelectual quer socialmente, traduzindo a sua identidade com artificialidade, Alfredo Pimenta evoluiu com o tempo, para uma certa austeridade: da fase em que contrapunha ostensivamente o seu Eu ao vulgo guardou apenas a capa negra com que se abafava para sair à rua, as luvas brancas com que se defendia do pó e o monóculo com que seleccionava o que o mundo lhe apresentava. Esta austeridade conjugava-se com a depuração a que submeteu a sua lira e que toda a vida se articulava com a sua expressão em prosa e com o seu próprio pensamento – límpido, sintético, claro no vigor e na lógica.

No entanto a correspondência entre os dois mantinha-se embora mais espaçadamente pelo menos até finais dos anos 30.

Mas quando Veva de Lima encontra a *Autobiografia Filosófica* de Alfredo Pimenta<sup>45</sup>, escrita para uma conferência proferida em 1935 na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra aos estudantes de Direito, não hesita e escreve-lhe uma longa carta que aliás é também a reacção a outra que Alfredo Pimenta lhe escrevera, preocupado, com a possibilidade de ela se encontrar doente.

No “meio do caminho das suas vidas”, Veva de Lima e Alfredo Pimenta trocam assim e novamente impressões sobre si mesmos. Naquela conferência, o escritor traça a evolução do seu pensamento atribuindo-se a identidade do “seu amigo Francisco de Lucena (...) a quem conhece como aos seus dedos, estando pois em condições magnificas para falar dele”. E caracteriza-o “Não se me leve a mal que diga que o meu amigo Francisco de Lucena é uma pessoa inteligente – duma inteligência viva e pesquisadora, curiosa de saber, faminta de saber, percorrendo todos os horizontes da inteligência – dos mais próximos aos mais afastados, dos mais transparentes aos mais ocultos, na ânsia insatisfeita de captar uma parcela da certeza ou um rasto fugidio do Definitivo (...)”.

E na análise que faz, dá conta da enorme necessidade de perceber a que ater-se na vida para poder “ser” e como, por isso, se tinha lançado no estudo intenso das filosofias puras e científicas e das ciências guiado pelo imperativo vital de “projectar o pensamento na vida (...)”. Norteara-o ditamen da coerência: “viver como se pensa; subordinarem-se os actos ás doutrinas; revelar pela vida as ideias; denunciar, por estas, aquela”. Chegara no entanto à conclusão que não havia uma verdade imutável – só o Absoluto que a Fé revela. E todas as filosofias e as verdades científicas lhe tinham aparecido na sua relatividade: “todas as soluções se equivalem, todas as verdades são substituíveis, todas as certezas, incertas”, todas elas dependentes do tempo, da circunstância, da idade dos seus autores na fase da sua elaboração em suma, da perspectiva em que se colocam: “As coisas são para mim como os meus olhos as vêem; a verdade das coisas, a aparência verdadeira das coisas, está nos meus olhos” E explica perguntando-se:

“Qual é a posição normal do homem? Todos o sabem: a vertical. Simplesmente a minha vertical não é a vertical do meu vizinho. A do meu vizinho, no mesmo meridiano, e no mesmo paralelo, ou meridianos e paralelos diversos, forma com a minha uma angulo agudo. Qual das duas á afinal, a vertical? Tantas as verticais, quantos os lugares. Logo a minha vertical vai comigo. E na série dos

---

<sup>45</sup>Alfredo Pimenta, *Evolução dum Pensamento (Auto-Biografia Filosófica)*, Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1935.

lugares A1, A2, A3, etc., a minha verticalidade deixa de o ser, vista dos lugares que precedem ou seguem aquele que em determinado momento ocupo.

A distância encurta as imagens. Quando é que estas correspondem verdadeiramente à realidade?

Quem o sabe? Que há - de mais grosseiro e convencional que a medida? Movêmo-nos num mundo de relatividades, de ses, de suponhamos que... ».

Chega à conclusão que o que existe é a Verdade de cada um de nós “verdades pessoais, diferentes duma para outra pessoa, e diferentes na mesma pessoa, segundo a idade, o grau de cultura, a acção da experiência”. Expondo o seu pensamento questiona sobre o que vem a ser afinal a verdade pessoal para responder que é a conclusão desinteressada que cada um tira do seu estudo e das suas reflexões e acentua a palavra “desinteressado”. Avisa que não se trata de pensar hoje o contrário do que se pensava ontem, por conveniência meramente utilitária; o trabalho desinteressado dum Espírito é a “procura de soluções certas para os problemas da vida – filosóficos, religiosos, científicos, artísticos, etc.”.

E confessa a sua perplexidade sobre a relação “verdade – espírito”: “que elementos substanciais o constituem! Não há uma Razão comum: há razões pessoais. A Lógica, que parece garantir a existencia duma Razão comum, não passa duma convenção, dum acomodamento, como, noutro campo a Geometria de Euclides, e, noutro ainda, a lei de atracção de Newton. (...)”, “a cada Razão corresponde uma verdade. E dentro de cada Razão há verdades sucessivas, segundo os recursos de cada Razão”. Com este raciocínio chega ao Cepticismo filosófico, que é, na sua opinião, o ponto de chegada do muito saber. Numa frase lapidar, afirma: “ignorar não é saber; mas saber é ignorar (...)”. Mas, acautela os estudantes que o escutam: esta era a sua verdade, a sua conclusão, que não podia ser a verdade daqueles que o estavam ouvindo porque a verdade que ele ali expunha era a sua verdade, a verdade dos seus cinquenta anos, ao passo que os que o estavam escutando possuíam a verdade dos vinte anos que tinham. E exclama:

“Para os senhores chegarem onde eu cheguei, têm que passar por onde eu passei. Têm que subir aos píncaros onde se fundem raios de sol e toalhas de neve, e donde se avista o Infinito que seduz e nos chama; têm que descer, como eu descí, aos abismos aparentemente insondáveis das Dúvidas insolúveis e das Agonias desesperadoras.

“Como a minha verdade e a vossa conclusão não são a vossa verdade e a vossa conclusão, cumpre-vos, Senhores Estudantes, seguir incansavelmente, à conquista da vossa verdade, e á procura da fórmula da vossa conclusão, sem outro respeito que não seja o da vossa inteligência (...)

Estudai Senhores Estudantes, para chegardes onde eu cheguei, e poderdes compreender a minha verdade, ou concluídes por outra (...)

E numa concepção deveras original para os dias de hoje, pela sua dissonância com os nossos tempos que apregoam a submissão à juventude, diz: “A hora é dos novos – é o grito de todos os instantes. E de tanto o ouvir já me arreceio da minha presença diante de vós, e me disponho a arredar-me do caminho, para que os novos passem (...)” Cita Senéca, quando diz que a vida se compõe de três épocas, o presente, o passado, e o futuro, sendo o presente tão curto que há quem o negue. Por isso, ao contrário do que habitualmente se diz quando se entrega o presente aos novos, de que a hora presente é sua, ele defende que a hora presente é dos úteis, dos esclarecidos, dos abnegados que será o mesmo que dizer que a hora dos novos chegará quando “a perícia nos seus estudos científicos os tornarem úteis e a cultura da Filosofia os tornar esclarecidos e a sua Consciência os tornar abnegados (...)”. E evocando o argumento de Ramon y Cajal, transcreve-o: “adquiramos primeiro personalidade, sejamos obreiros úteis; adiante veremos se nos é permitido ser arquitectos”. A juventude é assim tomada em consideração, mas sem o trabalho para compreender e agir, é inútil.

Meditando na sua evolução feita de saber e experiência, - de *vida* -, alerta para o que cabe no cepticismo filosófico. Ao tornar sua a máxima de Sexto Empírico de que “a todas as razões se opõem outras razões”, não defende a inacção. Pelo contrário: porque a vida é luta, então há que lutar pela sua verdade, na certeza de que outras verdades também têm os seus paladinos. Porque a vida é feita de contradições há que singrar por entre a multiplicidade das verdades e das complexas contradições. O método será responder com sinceridade e com nobreza às mil solicitações que a vida nos põe e, na adopção da verdade pragmática que nos orientará, procurar deixarmos guiar pelo desinteresse das vantagens pessoais, pela indiferença aos juízos do “homem- massa” a que chama “Homem da Rua”, deixando apenas a inteligência falar...

Perante este programa e esta confissão, Veva de Lima, comove-se e traça em linhas belíssimas o eco que em si despertaram, confessando as ideias que um dia intentará publicar. A sua reacção é de entusiasmo, de saudade e de necessidade de narrar a sua própria evolução mental e o esforço que fazia para não naufragar frente ao sonho da sua felicidade individual, para responder à sua vocação, dificultada pela circunstância em que então se encontrava – embaixatriz de Portugal em Londres ao acompanhar o seu marido então nomeado para o alto cargo de representante dos interesses de Portugal na corte inglesa. A carta que escreve a Alfredo Pimenta, por ser interessantíssima sob os pontos de vista biográfico e cultural, merece a sua transcrição na íntegra.

“Embaixada de Portugal em Londres  
Domingo<sup>46</sup>

E como eu me morri de dôr, a vida vejo-a de longe. Nem jamais o céu me é azul, nem sei sorrir nem sei chorar; não creio nos homens, nem nos pecádos, porque não há Mal nem Bem.

E aqui me tem finalmente ao pé de si para conversar – sombra d’aquella que fui, alma que flutúa sem falla, porque uma carta... bem vê – é silencio e é espectro, tem signaes, vagos gestos, mas não se sonoriza porque não tem voz. Só tem projecções mudas como as lembranças e como a morte. –

Meu qdº Amigo

Do fundo da minha morte ponho-me em bicos de pés, como quem se chega a uma janella alta, para lhe dizer: «Olá! Bom dia! Quem passa?! É Você? Está bem?... Eu?... Bem, muito obrigada... Sim, é verdade: chamei-o um máo amigo. Não disse bastante: é um pessimo, um ingrato, um egoista, um monstro. Mas nada d’isso tem importancia.

Eu d’antes acreditára na virtude, na amizade, no amor, no heroismo e até na vida.

Mas hoje!... - Acreditáva nos sentimentos e os meus por si eram ternos. Mas eu era um ser inferior com exigencias idiotas: entendia que os sentimentos deviam ser objecto de troca, toma-lá, dá cá. E como lhe dava mil demonstrações de aprêço, ficava mil vezes desapontáda ao verificar as suas diminutas apreciações em meu favor para não dizer o seu pouco apreço em meu proveito.

Queixei-me um dia, quando em volta de mim a esgana rouca das invejas, em impetos repetidos tentava derrubar-me, mordendo-me os tacões. Alguns amigos meus viéram á estocáda. Só Você se detêve ambiguo. Queixei-me da sua indiferença, da sua apathia...

E o que é que me respondeu? -: «que não queria dar a impressão, posto que era muito da minha intimidade e da minha casa, de que me aduláva» – (!!!!) Achei monstruoso! Nunca mais esqueci... Depois d’isto, tendo-se passádo alguns séculos, têve uma vez occasião de escrever um pequêno artigo sobre a minha pessoa, artigo que lhe foi pedido em qualquer circunstancia. E o que é que sahiu da sua penna? Um epitáphio. «Fulana foi *no seu tempo* uma figura, etc., foi isto, foi aquillo, foi... foi... –» tudo no pretérito – como quem diz: já não é, ... já lá vae».

... Eu ri, ri, ri com alguns amigos – que esses naturalmente seriam aduladores – seriam?... Em todo o caso tinham aquella hypocrisia de boa qualidade que impéde de se ser cruel por se querer ser franco. Ri muito

---

<sup>46</sup> Veva de Lima, carta a A. P., sem indicação de data, mas o sobrescrito tem o carimbo de 13 de Agosto de 1935.

porque estava ainda viva, mas hoje que estou morta posso lembrar-me d'esse rizo e tenho idéa que havia n'elle um certo sabor de lágrimas.

Assim, um dia, lhe devo a Si, o ter podido chorar sobre mim mesma... – Fui por si embalsamáda, posta n'um sarcóphago, para si tinha deixado de existir, eu já não *Era*, mas simplesmente eu *Fôra* – Brrr!... quando se está vivo, esse amortalhamento faz correr um grande frio pela espinha. Foi uma bella coragem, a sua. E eu não fiquei zangáda... Convidei-o por várias vezes a vir verme para conversar consigo e para o ouvir.

E Você escusou-se com um tal enfádo, com um tal tédio que, então definitivamente «j'ai laissé tomber».

– Passaram-se 20 annos. Não sei já se passáram... Quando se chega ao que eu cheguei, já nada passa, de repente o passádo, o presente, o futuro crystalizam n'uma mesma unidade e o tempo ficou imovel.

A vida é uma theoria de sucessivas mortes. Todos nós, *os que soffrêmos*, vêmo-nos morrer várias vezes. O adolescente máta o infante; n'essa hóra hébria de forças incoherciveis, detesta-se o passádo, a alma juvenescente máta a criança na sua marcha fremente com garras nos pés: avança-se!

Passam fléchas e bálas que nos esfarrádam uma mécha ou um dêdo na mão. Avança-se, não se dá por náda. Hébrios corrêmos abatendo trincheiras e sabêmos que somos sempre victoriosos. O que vamos matando em nós, deixando para traz, tem apenas mais tarde, grandes ricochetes que nos férem: são as saudades de nós. Mas avança-se!

«Até que um dia uma bála perdida vem se nos cravar nas costas. Damos um tombo. É a nossa primeira grande Dôr que estrangula e máta a nossa primeira confiança...

Mais golpes, mais punhaládas vêm vindo. Pequenas sepulturas se vão erguendo dentro do nosso ser: morre a confiança em nós, morrem os nossos sonhos um a um, tombam affectos, passa em longa fila o enterro das Illusões, das Esperanças, dos Projectos, das Convicções, dos Prazeres, dos Significados da Vida. E n'uma grande marcha funebre tambem séguem os funeraes da Alegria. O nosso ser tornou-se um Campo Santo tão vasto que o olhamos pávidos n'uma vertigem abysmal.

No entanto este aparelho mecanisádo do nosso corpo continua! Estamos então vivos ainda?...

Há em nós uma multidão de almas em tumulto, sucessivamente destruidas e substituidas, ficando o nosso Eu original, a nossa Consciencia primórdia. Esse pobre Ego assiste ás destruições e ás substituições com aquella surpresa ou aquella dor que Deus mesmo déve ressentir ao contemplar as reacções, os precipitádos e as resultantes da Sua óbra em realização pela eternidade fóra... – Assim, Você, meu bom Amigo, já morreu várias vezes – não se ponha a espernear com o susto: recorde a sua fé dos 20 annos e considére os seus gostos de hoje e de amanhã. É evidente que aquelle sujeito de há 30 annos que tinha a sua identidade é para si um cavalheiro mais discordante do



que o habitante de qualquer romance que Você não estima. E se o encontrasse não o conhecia e não lhe estendia a mão.

Eu também já não estendo a mão aquella «Mim Mesma» que Você conheceu e á qual rezou a sua oração funebre. Você tinha razão em dizer: «Fulana foi... foi...». Na realidade eu «fôra». No que Você não foi inteligente foi em não dizer a mais: «Fulana foi... passou ... já lá vae ... E, Fulana será ... há-de ser ... continua». Porque de facto continuo, cá estou, depois da Fulana nº 20 ou 100, ou 1000 ter morrido. Eu, este «Eu, nº dez mil e um» fica, porque nem EU nem NÓS, não acabamos nunca.

A única coisa que fica perturbadora, ao seguirmos n'esta sucessão de vidas, é a certeza ou a duvida se estamos ou não conscientes das étapes que vamos transpondo, se conservamos a compreensão do nosso transformismo e o sentimento da Passagem para o *Ládo de Lá*. Apalparmos lucidamente o planalto sidério em que estamos agóra ou lógo, eis a interrogação que nos confunde.

Tenho receio de não conservar essa noção, que é profundamente desconcertante.

Ter morrido e não ter percebido que já *Cá* não estou, sem discriminar que estou continuando *Lá* – seria o aniquilamento do meu espirito.

Em todo o caso sinto bem que morri e ... que continuo. A imortalidade da alma não é mais do que isto.

«Fulana foi... foi... » é certo; e se não soube acrescentar «Fulana há-de ser» sou eu que continuando lhe venho dizer:

Eu fôra aquella em que Você viu rutilancias de espirito e d'alma e que eu não conhêço.

Eu hoje *SOU* um instrumento articuládo, com um cérebro simples, magistralmente imbecilizado. Eu sou? = uma parva. Estou embrutecida, idióta, não tenho espirito, não tenho critério, posso sorrir seis quartos d'hora a fio sem dizer nada, ou dizer imbecilidades seis quartos d'hora a fio sem pensar um segundo. Autómato perfeito, manequim de gala, bonéca de cartão pintáda trez vezes ao dia, instrumento docil do futil, do pueril, nulla no encéphalo e na falla, possuidora de todo o material da banalidade civilizáda que é a educação suprêma, fantóche macábros e amavel, sacerdotiza dos sonobismos rytuaes, cretinêta «em série» com diadêma na testa, tornei-me estúpida integralmente. Sou avatar? Sobrevivente? Reincarnada? Morta? Morta! Atravez da vida incohercível, eu sou, eu vim a ser uma Embaixatriz n'este grande império, o maior de todos os tempos, faltando apenas saber, se sou embaixatriz porque este é o maior império de todos os tempos ou se o império é o maior de todos os tempos porque eu sou n'elle embaixatriz.

Aqui um ponto. – É para que Você não se agarre á cabeça tresloucado com esta prósa – porque eu sei que quando se falla cá d'este Outro Mundo, há perigos de se confundir o entendimento dos homens que lógo se põe a gritar Ó da guarda! Agarra! Vae louca!... .

“Domingo - 15 dias depois.

As paginas, escriptas aqui para traz, foram vertidas n’uma tarde de neblinas côm de amaranthe e de malva rôxa, suave e quiéta como um chrômo de Fra Angélico. Essa quietude foi propicia para as minhas divagações. Mas enroláram-se nas neblinas para outros horizontes. E o tempo que eu lhe queria consagrar voltou a faltar-me e a minha carta ficou suspensa em pontos de suspensão ...

Entretanto li o seu livro – a sua autobiographia – e devia tel-o lido antes de começar as paginas que já escrevi. O que é curioso, é verificar certas coincidencias ou encontros puros de pensamento como por exemplo esta sua phrase que diz assim: «Se F. De Lucena mudou de A para B conforme se deslocou dos 29 para os 30 annos, há outros que por força d’estas deslocações mudam de B para A». E este seu remate final «... verificar a distancia a que fica a sua verdade de hoje da sua verdade de amanhã» – parece conter um certo parallelismo com as phrases, aliás d’outro conceito, que eu lhe servi aqui.

Gostei muito d’este seu trabalho subjectivista, li-o com immenso parzer e deleitou-me a forma no recorte erudito e intellectual, no brilho polemista quando o rossa, na ressonancia dramática quando a traz á flor da pele. Mas...

Mas nunca vi maior somma de contradicções e de anthitheses, nem menor lógica nas demonstrações e na finalidade! – «A minha Verdade...» diz Você! E essa VERDADE muda, cambia, reviravolta, desforma-se, evolue, é o que já não é, e será o que nunca foi, torna a ser ou era falsa, essa verdade era mentira porque hoje é que é o que é, mas é provavel que deixe de ser amanhã o que é hoje – (!!!!!)

Então! Então! Mas então? Vamos lá ver: a verdade, porque tudo passa, foi mentira hontem; e hoje, porque já passou, a verdade só pode ser real dentro da incerteza e então a Verdade só póde ser mentira e por isso mais vale reconhecer então ainda que a Verdade não existe – (?) Tambem me parece...

– Esse conceito philosophico que me entretêve bastante aqui há uns quatro annos e que me levou a escrever dois trabalhos (que ficarão por publicar) veio enormemente ao encontro das minhas cogitações sobre os cambios transformistas do nosso ser interior. Do seu livro o que se deduz é que não há uma só das suas afirmações que possa ser garantida – como os productos industriaes vendidos sem garantia (porque se pódem deteriorar dentro d’um prazo maior ou menor). E afinal talvez seja essa a finalidade do seu auto-retrato: «eu sou e não sou, posso ter sido e deixo de vir a ser». Isso acho simplesmente encantador, adoravel, um sabor de mysticismo adultero, um pretexto para enganar Deus, só de vez em quando, uma certa maneira de ter aventuras espirituaes sem seguimento, badinages pelas vizinhanças mais proximas regressando no fim ao bom caminho. São sempre esses, afinal, os grandes luxos requintados das altas intelligencias.

Eu também escrevi qualquer coisa com um recorte análogo: é uma longa conferencia (que não teve eclosão) e que se chamava «Metamorphoses». E depois também experimentei escrever um ensaio filosófico – humorístico (porque Você bem o diz, as filosofias caducam todas, por isso como tomal-as a sério?). E esse ensaio que deixei mal acabado chama-se «*As Convicções Artificiais & As Verdades Provisórias*». Com elle pretendo demonstrar (um pouco ao lado d’Alfred Fouillé) que a Verdade não existe e que só há convicções. As convicções é que são o eixo vertebral do nosso entendimento e só há Verdade enquanto dura uma convicção...

Mas já vae longa esta segunda jornada de passeio consigo atravez d’estas mal amanhãdas regras! E hoje o dia é quente, o céu é um toldo plumbeo e as flores nos parques agonizam.

Como é que eu tive a coragem de lhe servir ao longo de nove quartos d’hora repartidos em duas sessões esta longa e pastosa prosa que o enfadará! Mais vallia ter-lhe fallado um pouco de Londres, d’este planêta á parte, d’esta humanidade extra-ordinária e ultra civilizada, e d’esta civilização tão extrêma, tão polarizada que passa incomprehensível e indecifrável para a maior parte das gentes continentaes. Mas já não posso escrever... Não sei já...

Adeus meu querido ingrato e monstruoso amigo. Se soubesse como eu tenho saudades minhas – que o mesmo é dizer que as tenho de si! Resta-me uma grande gêma translúcida cor de absynto que trago suspensa ao pescoço. Ella lembra-se de si

Eu também...

A minha maior estima

VEVA.”

Apesar das suas idades que os poderiam levar à acomodação do já vivido e do já sonhado, estas duas personalidades não deixam de assumir, contra ventos e marés, a responsabilidade de levarem a cabo a resposta aos apelos daquele fundo insubornável que nem todos querem ou podem ouvir a que se chama vocação e que é mister descobrir e arriscar. A dor, a angústia, a dificuldade desta assunção que promete e permite atingir a mais alta felicidade a que uma pessoa pode aspirar – a personalidade própria que é o mesmo que dizer, a sua autenticidade, foram vividas intensamente pelos dois intervenientes como atestam os seus dados biográficos e esta correspondência que terá sido lenitivo para ambos. Não foi certamente por acaso que Veva de Lima um dia endereçou a Alfredo Pimenta um postal ilustrado com uma borboleta, com a única inscrição: “*farfaletta io sono nella vita e nella morte*”,<sup>47</sup> traduzia certamente, deste modo, o frêmito da sua vida entre a luz e a penumbra à procura do seu rumo a ele que um dia se definiu como “um estradivário

---

<sup>47</sup> Veva de Lima, carta a A.P., (postal ilustrado) sem data.

enamorado que gemeu e sorriu, cantou e soluçou/ quando sentiu passar nas cordas, inspirado,/ o arco sem igual que Deus lhe destinou.”<sup>48</sup>.

Retomando a leitura de Pedro Salinas sobre a epistolografia verificamos que na sua análise ele considera a correspondência como “una deliciosa educación, que libre y graciosamente, aparentando no serlo - todo lo contrario del domine o la pedantería -, sin necesidad de azacarse de aula en aula, no tenerse a inflexibles horarios, nos instituye sobre muy principales materias”, e ainda que a carta “es una exteriorización de un estado subjetivo del momento, de un modo de sentir ou pensar aislado de los demás, y comunicado a outra persona libremente, tal como se nos ocurre. A pesar de todas los intentos de regulación, (...) la carta permanece al través de los siglos como tipo insuperable de libertad expressiva”<sup>49</sup>. No caso concreto da correspondência feminina, transcrevendo a opinião de Gustave Lansón, vê nela o desejo natural de agradar que distingue o sexo feminino: “Las cartas son una forma de coquetería, una de sus variantes”. Passando a Andrée Crabbé Rocha, vemos que a arte de escrever cartas participa do mecanismo íntimo da literatura ao substituir por palavras “os actos e os gestos tornando-se uma autentica lição de fraternidade (...)”<sup>50</sup>.

As cartas de Veva de Lima a Alfredo Pimenta, de que apontámos aqui apenas algumas da colecção que elas constituem, enquadram-se nos parâmetros dentro dos quais aqueles dois autores caracterizam a arte epistolar. Deste modo, além do contributo que elas trazem para as biografias dos dois escritores e para o conhecimento da época, elas têm, pela sua qualidade literária um lugar na epistolografia portuguesa. A sua publicação justifica-se.

*Maria Tereza Viegas Pimenta*

In *Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher*, Número 10, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa (2003), p. 13-51.

*(Nesta transcrição omitiram-se as gravuras)*

NOTA: Os originais das cartas de Veva de Lima a Alfredo Pimenta fazem parte do espólio epistolar do escritor doado por Maria Teresa Pimenta ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães, 2005.

Cf. *Catálogo “Alfredo Pimenta – Correspondência recebida”* vol. I, Guimarães, AMAP, 2015.

---

<sup>48</sup> Alfredo Pimenta, *Ultimos Echos de um Violino Partido*, Lisboa, Livraria Portugália, 1941.

<sup>49</sup> Pedro Salinas *op. cit.*, p.72.

<sup>50</sup> Andrée Crabbé Rocha, *op. cit.*, p.13.